

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

Rafaela Zago Ottati

Comportamento sexual infantil: desenvolvimento e configurações
normativas

São Paulo

2022

RAFAELA ZAGO OTTATI

Comportamento sexual infantil: desenvolvimento e configurações
normativas

Versão corrigida

Dissertação apresentada ao Instituto de
Psicologia da Universidade de São Paulo,
para obtenção do título de
Mestre em Psicologia

Área de concentração:
Psicologia Clínica

Orientador: Prof. Dr. Francisco Baptista
Assumpção Junior

São Paulo
2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

ZAGO OTTATI, RAFAELA

Comportamento sexual infantil: desenvolvimento e configurações normativas. / RAFAELA ZAGO OTTATI; orientador FRANCISCO BAPTISTA ASSUMPÇÃO JUNIOR. -- São Paulo, 2022.

74 f.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2022.

1. PSICOLOGIA INFANTIL. 2. PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO. 3. COMPORTAMENTO SEXUAL INFANTIL. I. BAPTISTA ASSUMPÇÃO JUNIOR, FRANCISCO, orient. II. Título.

Nome: Rafaela Zago Ottati

Título: Comportamento sexual infantil: desenvolvimento e configurações normativas.

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo,
como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Ao meu companheiro de vida Raul, que com amor e dedicação esteve comigo durante toda a trajetória; e ao meu filho Rafael, minha motivação diária.

AGRADECIMENTOS

Ao estimado professor Dr. Francisco Baptista Assumpção Junior por todo conhecimento e experiência concedido para a realização deste projeto de pesquisa, como também dedicação e orientação para efetivação deste trabalho.

A minha querida Prof.^a Dr.^a Rosângela Aparecida Cassiolato, que incutiu em mim três importantes sementes, a Psicologia, a Ciência e a Fé.

A Prof.^a Dr.^a Carolina que com toda a sua gentileza e qualificação contribui para a produção deste projeto.

A Prof.^a Dr.^a Rebeca de Cássia Daneluci que sempre foi grande incentivadora as pesquisas em Psicologia.

Agradeço a todos que de alguma forma contribuíram e me incentivaram para a produção deste trabalho.

RESUMO

Ao longo da história o comportamento sexual humano foi e continua sendo alvo de interesse e investigação; porém, o investigado é o comportamento sexual do sujeito adulto. Ao pensar em comportamento sexual infantil e o seu desenvolvimento na infância nota-se que o mesmo é compreendido como ausente; contrariando as ideias iniciais explicitadas, a literatura aponta que crianças desde o nascimento apresentam sexualidade, comportamento este inerente à condição humana. Diante disto, a presente pesquisa investiga os comportamentos sexuais infantis normativos em crianças pré-escolares e os analisa de forma quantitativa e descritiva para que, o conhecimento advindo deste, seja útil na prevenção do abuso sexual infantil e outros problemas de comportamento sexual. Investigando-se os comportamentos sexuais infantis normativos possibilita a elaboração de programas de informação, prevenção e intervenção. A literatura estudada aponta que os comportamentos sexuais infantis emitidos e sua frequência apresentam correlação com variáveis familiares, e podem ser mensurados por meio do *Child Sexual Behavior Inventory (CSBI)* instrumento que foi utilizado para a coleta dados, somado a um questionário socioeconômico e de hábitos familiares. A análise dos resultados obtidos por meio do CSBI deu-se conforme as orientações específicas do instrumento. Os dados quantitativos foram comparados e também submetidos a uma análise descritiva e inferencial. Assim, por meio dos dados levantados e analisados buscou-se compreender o que é comportamento sexual normativo infantil.

Palavras-chave: pré-escolares, comportamento sexual infantil, comportamento sexual normativo, problemas sexuais infantis.

ABSTRACT

Throughout history, human sexual behavior has been and continues to be the target of interest and investigation; however, what is investigated is the sexual behavior of the adult person. When thinking about the construction of childhood, this stage of development was understood as absent from sexual behavior. What the literature points out is the opposite, children have sexuality from birth, a behavior inherent to the human condition. In view of this, this research investigates normative infantile sexual behaviors in preschool children and analyzes them quantitatively and descriptively so that the knowledge arising from this can be useful in preventing child sexual abuse and other sexual behavior problems.

Investigating normative child sexual behaviors enables the development of information, prevention and intervention programs. The studied literature indicates that children's sexual behaviors emitted and their frequency are correlated with family variables, and can be measured using the Child Sexual Behavior Inventory (CSBI), an instrument that was used to collect data, added to a socioeconomic and family habits questionnaire.

The analysis of the results obtained through the CSBI took place according to the specific guidelines of the instrument. Quantitative data were compared and also submitted to descriptive and inferential analysis.

Thus, through the data collected and analyzed, an attempt was made to understand what normative child sexual behavior is.

Keywords: *preschool children, child sexual behavior, normative sexual behavior, child sexual problems.*

RESUMEN

A lo largo de la historia, la conducta sexual humana ha sido y sigue siendo objeto de interés e investigación; sin embargo, lo que se investiga es la conducta sexual del sujeto adulto. Al pensar en el comportamiento sexual infantil y su desarrollo en la infancia, se advierte que se entiende como ausente; contrario a las ideas iniciales explicadas, la literatura señala que los niños desde que nacen tienen sexualidad, comportamiento que es inherente a la condición humana. Ante ello, la presente investigación indaga en las conductas sexuales infantiles normativas en niños de edad preescolar y las analiza de forma cuantitativa y descriptiva para que el conocimiento que de ello se derive sea de utilidad en la prevención del abuso sexual infantil y otros problemas de conducta sexual. Investigar el comportamiento sexual infantil normativo permite diseñar programas de información, prevención e intervención. La literatura estudiada apunta que las conductas sexuales de los niños y su frecuencia están correlacionadas con variables familiares, pudiendo ser medidas a través del Child Sexual Behavior Inventory (CSBI), instrumento que fue utilizado para la recolección de datos, además de un cuestionario socioeconómico y de hábitos. El análisis de los resultados obtenidos a través del CSBI se realizó de acuerdo con los lineamientos específicos del instrumento. Los datos cuantitativos fueron comparados y también sometidos a un análisis descriptivo e inferencial. Así, a través de los datos recopilados y analizados, buscamos comprender qué es el comportamiento sexual infantil normativo.

Palabras clave: *preescolares, comportamiento sexual infantil, comportamiento sexual normativo, problemas sexuales infantiles.*

SUMÁRIO

1. Introdução	14
1.2 Justificativa.....	16
1.3 Objetivos	17
1.3.1 Objetivo Geral	17
1.3.2 Objetivo Específico.....	17
2. Revisão da Literatura	18
2.1 Comportamento sexual infantil	18
2.2 Desenvolvimento Moral	27
3. Método	35
3.1 Tipo de estudo	35
3.2 Participantes.....	35
3.2.1 Grupa A	35
3.2.2 Grupo B	35
3.3 Critérios de inclusão	36
3.4 Critérios de exclusão	36
3.5 Instrumentos e materiais	36
3.6 Procedimentos	38
4. Análise de dados	39
5. Considerações éticas	39
6. Resultados	41
6.1 Caracterização da amostra.....	41
6.2 Caracterização dos comportamentos sexuais por meio do Inventário CSBI	44
7. Discussão	54
8. Conclusões	58
Referências Bibliográficas	59
Apêndices	64
Apêndice A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	64
Apêndice B – Declaração do Pesquisador Responsável.....	66
Apêndice C – Questionário de Pesquisa	67
Apêndice D – Autorização do uso do Inventário CSBI	68
Anexos	69
Anexo A – Critério Brasil	69
Anexo B – Child Sexuality Behavior Inventory (CSBI)	71
Anexo C – Declaração de Infraestrutura	74

LISTA DE TABELAS

- Tabela 1 – Distribuição da amostra por grupo
- Tabela 2 – Distribuição da amostra por sexo
- Tabela 3 – Distribuição da amostra por faixa etária (em anos)
- Tabela 4 – Característica geral da amostra
- Tabela 5 – Comportamentos sexuais CSBI por sexo
- Tabela 6 – Comportamentos sexuais por idade
- Tabela 7 – Comportamentos sexuais por tipo de escola
- Tabela 8 – Diferenças dos comportamentos sexuais por domínio e sexo
- Tabela 9 – Caracterização clínica e subescalas
- Tabela 10 – Caracterização por hábitos familiares

GRÁFICOS

Gráfico 1 – Média de comportamentos sexuais CSBI por idade

LISTA DE SIGLAS

CSBI	Child Sexuality Behavior Inventory
CBCL	Child Behavior CheckList
DRSB	Developmentally Related Sexual Behavior
SASI	Sexual Abuse Specific Items
GA	Grupo A
GB	Grupo B
NC	Não Clínicos
SDC	Sugestivo de Dificuldade de Comportamento
C	Clínicos
TCLE	Termo Consentimento Livre e Esclarecido
CHPH - IP	Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia

1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste projeto de pesquisa é investigar se há um padrão normativo de comportamentos sexuais infantis específicos, independentemente do nível socioeconômico e sua frequência de ocorrência em crianças pré-escolares e analisá-los, para que, o conhecimento advindo deste, seja útil e benéfico para profissionais que atuem com esta faixa etária, bem como suporte na elaboração de programas de prevenção e intervenção de problemas de comportamento sexual infantil.

Para tanto, foi desenvolvido um histórico explicitando o comportamento sexual, sexualidade infantil normativa e os aspectos da prevenção de problemas sexuais infantis.

O comportamento sexual é prática de extrema importância à vida e das sociedades humanas; desde as civilizações primitivas até os modelos de existência contemporânea, a sexualidade é alvo de interesse e de investigação; porém, contrário a isto, é também agente de comportamento velado.

Ao longo dos séculos, a sexualidade foi passando por processos de transformações, estas moldadas por meio das produções (sociedades nômades e ascensão agrícola) e formulações religiosas. (Sterns, 2010).

A sexualidade investigada e compreendida em suas mudanças ao longo dos séculos foram os modelos de comportamentos sexuais de sujeitos adultos, as crianças ao longo da história não eram compreendidas como seres sexuados, e por muito tempo com o apoio da igreja católica, eram vistas como anjos, então puras. (Faccioli & Ribeiro, 1999).

Somado à visão de anjo da igreja católica, a infância, que foi construída ao longo da história, também passou pelos reflexos da sociedade patriarcal; logo, o pai que cumpria sua função de educar o filho incapaz, por meio de castigos físicos e obediência.

Porém, com o avanço da ciência e novos modelos de compreensão do homem, a família passa a se organizar de forma distinta, a repressão à sexualidade é a forma de controle de natalidade, e junto disto a criança também passa a ser vista de outra forma. A educação higienista é repassada as mães e escolas, que visam o desenvolvimento físico-emocional das crianças, com objetivo de prevenir más inclinações no futuro, como uso de substâncias e masturbação. (Faccioli & Ribeiro, 1999).

De acordo com Faccioli e Ribeiro (1999), ao longo da história o controle dos corpos exercido por meio das famílias, instituições educacionais e religiosas tem como principal objetivo modelar a infância; período este que é construído pelo olhar adulto, e este, não considera que a criança é capaz de construir suas próprias teorias, incluindo nestas, a sua sexualidade.

Neste sentido é importante ressaltar que a criança apresenta sexualidade, pois este é um fator inerente à condição humana, obviamente que seu desenvolvimento dar-se-á de forma própria a cada fase de desenvolvimento e compreender estas etapas em seu curso normal é um meio de conhecer e prevenir problemas sexuais na infância. Ainda que os estudos sobre comportamento sexual infantil sejam um desafio, Constantine e Martinson (1984) se debruçaram no tema e compilaram estudos que apontam comportamentos sexuais desde a vida fetal (sugar dedos das mãos e dos pés) que vão se desenvolvendo e refinando ao longo do processo de desenvolvimento.

Assumpção (2012) traz contribuições quanto a conduta sexual e desenvolvimento moral esperados na infância; nos pré-escolares pode-se esperar comportamentos de masturbação solitária, jogos sexuais exploratórios, atitudes exibicionistas e voyeristas e eleição por objetos de fetiche (por exemplo, ursinhos de pelúcia). Quanto ao desenvolvimento moral espera-se a moralidade heterônoma e a moralidade do individualismo, baseadas em Kohlberg (1992).

Nesta fase de desenvolvimento as crianças também são capazes de nomear as próprias partes do corpo, compreendem as diferenças de gênero, mas apresentam dúvidas quanto à gestação e nascimento dos bebês (Silvares, 2002).

Silvares (2002) aponta dois mitos que envolvem a dificuldade em estudar o assunto, sendo eles, que o conhecimento sexual pode favorecer a atividade sexual precoce e que as crianças já têm conhecimento suficiente sobre o tema; porém, a pesquisadora aponta por meio de estudos empíricos de Klein e Gordon (1991) que a informação a respeito da sexualidade se associa ao início mais tardio a atividade sexual.

Somado aos mitos mencionados, outro desafio em estudar comportamento sexual infantil é o fator metodológico; na maioria das vezes as informações são coletadas por meio de entrevista retrospectiva (os adultos buscando em sua memória os comportamentos sexuais de sua infância) ou por entrevista a pais e professores das crianças (Gordon & Schroeder, 1995).

Neste sentido, o uso de inventário padronizado pode favorecer na investigação dos comportamentos sexuais infantis e sua frequência. Friedrich e Grambsch (1992), em estudo com amostras comparativas entre crianças com idades entre 2-12 anos sem histórico de abuso e com histórico de abuso sexual, fez uso do instrumento Child Sexual Behavior Inventory (CSBI), apontaram que, a frequência de comportamentos sexualizados em crianças abusadas é maior em comparação a crianças não abusadas. Como comportamentos sexualizados foram investigados a auto estimulação, tentativa de intercurso, comportamentos imitativos que sugerem experiência sexual e preocupação excessiva a assuntos relacionados a sexo. Já as crianças sem histórico de abuso, apresentaram menor frequência de comportamentos sexuais.

Os pesquisadores também explicitam que a depender das experiências de abuso (frequência e forma ocorrida) os impactos causados podem resultar em traumas sexuais, introdução precoce a atividade sexual e outras manifestações comportamentais, como problemas clínicos internalizantes.

Desta forma, pesquisar os comportamentos sexuais infantis em população sem histórico de abuso é um meio de compreender o seu curso de desenvolvimento normativo, entender a sexualidade normal e esperada para cada faixa etária, para que, por meio deste conhecimento, o profissional que atue com crianças possam observar e identificar o que é um comportamento sexual atípico; além disso, o apoio do suporte científico viabiliza a elaboração de estratégias de prevenção e intervenção quando encontrados problemas de ordem sexual infantil.

1.2 Justificativa

Esta pesquisa pode alcançar relevância social, pois ao levantar os comportamentos sexuais normativos de pré-escolares, estes contribuirão para elucidar possível suporte à profissionais da área da saúde e educação, de modo a prover subsídios para o desenvolvimento de estratégias de prevenção e intervenção de problemas sexuais infantis, como também o abuso.

Para a comunidade científica este trabalho poderá vir a contribuir na atualização das informações comportamentais sexuais infantis, além de averiguá-las na população de pré-escolares brasileiros, podendo, por meio destas em trabalhos

futuros, o desenvolvimento de programas que contribuam para a diminuição dos fatores de risco, além de fortalecer os aspectos preventivos.

1.3 Objetivos

1.3.1 OBJETIVO GERAL

O presente estudo investiga por meio do inventário CSBI – com pais respondentes - se há um padrão normativo de comportamentos sexuais infantis específicos, independentemente do nível socioeconômico e sua frequência de ocorrência em crianças pré-escolares.

1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Os objetivos específicos deste projeto de pesquisa são:

- Levantar os dados demográficos dos participantes.
- Coletar informações do contexto e hábitos familiares.
- Investigar possíveis correlações entre hábitos familiares e os comportamentos sexuais infantis encontrados.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 COMPORTAMENTO SEXUAL INFANTIL

Para Assumpção e Sprovieri (2005) o comportamento sexual é um evento necessário para a continuidade das espécies, incluindo a humana que neste caso não só o aspecto biológico está envolvido como também se sobrepõe pontos psicológicos e sociais; estes dois últimos serão os mais aprofundados neste estudo.

Conforme Rutter (1971) os humanos independentemente da idade são seres sexuais, é observado desde a mais tenra infância estes comportamentos. Em sua revisão da literatura é apontado a capacidade de ereção peniana em bebês meninos e lubrificação vaginal nas meninas como também a sucção não nutricional; nos pré-escolares, com idades entre 2-5 anos observa-se um aumento do interesse genital, a priori uma manipulação reflexa (quando bebês) que vão se desenvolvendo juntamente com a exploração do próprio corpo. A curiosidade sexual é acompanhada por questionamentos aos pais/cuidadores, perguntas como de onde vem os bebês ou as diferenças sexuais são muito comuns durante a infância que serão melhor compreendidas conforme o desenvolvimento cognitivo.

Numa síntese Rutter (1971) aponta que os comportamentos sexuais se tornam mais evidentes a partir dos dois anos de idade, período em que a criança ainda não identificou o próprio sexo; por volta dos três anos de idade ela identifica o próprio sexo, mas não das outras pessoas. O jogo genital, comportamentos exibicionistas e *voyeurísticos*, masturbação, entre outros, são apontados nos estudos do pesquisador.

Rutter (1971) encerra explicitando a necessidade de aprofundar os estudos sobre a sexualidade da primeira infância, que claramente é um período de grande atividade no desenvolvimento psicosssexual.

Constantine e Martinson (1984) esclarecem que no período neonatal os aparatos fisiológicos dos órgãos sexuais já estão desenvolvidos. Sucção dos dedos das mãos e dos pés na vida intra-uterina são observados; aumento do fluxo sanguíneo na região pélvica promove nos bebês a lubrificação vaginal e a ereção peniana; movimentações pélvicas foram vistos em bebês a partir de 8 meses e aos 12 meses de vida jogo genital volitivo é notado. Para os autores estas experiências sexuais são reflexas, não há consciência erótica envolvida, o que leva a reflexão que mesmo com

limitações nos estudos, evidências de comportamentos sexuais são observadas muito antes de alterações sociais e hormonais típicas da puberdade.

Gadpaille (1984) sustenta que há uma propensão psicosexual inata, e que a sexualidade não se inicia no período da puberdade, a criança é um ser sexualizado e dinâmico neste processo, mas que não é possível discutir sexualidade fora de um contexto cultural.

Os estudos sobre sexualidade infantil vêm aumentando gradativamente, mas permanece em uma área de difícil acesso, em especial nas culturas ocidentalizadas que não compreendem a sexualidade como algo natural.

Constantine e Martinson (1984) elaboraram quatro categorias quanto à perspectiva sexual humana, sendo elas: culturas sexualmente repressivas, restritivas, permissivas e corroboradoras.

Negar a sexualidade, proibir todas as formas de comportamento sexual exceto para procriação, e atribuir valor àqueles que não tem vida sexual são características de culturas repressivas. As limitações como a castidade pré-matrimonial, desencorajamento da sexualidade como inibições dos jogos sexuais infantis e segregação sexual são traços das culturas restritivas, muito comuns em todo o mundo. Olhar a sexualidade como natural e tolerável são aspectos da cultura sexualmente permissiva; tendem também a descumprir possíveis proibições de ordem sexual, e em relação à sexualidade infantil apresentam maior preocupação com a ocorrência de alguns comportamentos específicos, mas não negam a existência. Já as culturas corroboradoras compreendem o sexo como algo indispensável à felicidade humana, e os comportamentos sexuais infantis são valorizados para o desenvolvimento social e biológico adequados (Constantine & Martinson, 1984).

As sociedades e culturas se transformam com o tempo; no Ocidente em relação a sexualidade o berço é uma tradição Inglesa Vitoriana que reflete em modelos repressivos e restritivos, implicando diretamente em dificuldades de se pesquisar sobre o comportamento sexual infantil.

Robinson (2005) identificou em seu trabalho aspectos que circundam o olhar dos adultos em relação ao comportamento sexual infantil. A relação binária “adultos x crianças”, onde as crianças são apresentadas como inocentes, passivas, assexuadas e imaturas para compreenderem a sexualidade; e o “pânico moral” quando comportamentos sexuais são observados nas crianças e compreendidos como imaturidade e/ou incapacidade de controlá-los.

Heiman et al. (1998) explicita que a sociedade ocidental tem um olhar de inocência para a criança, anulando a capacidade da criança em compreender os valores sexuais e de forma dicotômica as expõe repetidamente a imagens e conteúdos sexuais e eróticos, como na televisão.

As dificuldades em se estudar o comportamento sexual infantil não são somente enfrentadas no contexto sociocultural que atribuem impedimentos por crença de que a infância é assexuada ou por inferir que a investigação empírica possa causar danos e/ou influências aos pequenos participantes, mas ocorrem também de forma metodológica. (Sullivan, 2003).

As pesquisas diretas sobre o comportamento sexual infantil são mais escassas; métodos com entrevistas diretas as crianças foram utilizadas para avaliar o conhecimento sexual infantil como concepção, gravidez, nascimento e diferenças sexuais. (Gordon, Schroeder, & Abrams, 1990).

Dentro deste escasso campo de pesquisa dois métodos indiretos são os mais usuais as pesquisas retrospectivas que entrevistam adultos sobre as suas memórias de infância a respeito dos jogos sexuais, como o estudo de Lamb e Coackley (1993), este método que conta com a lembrança do participante é passível de um viés da recordação infantil; e por meio das fontes secundárias de informações, como por exemplo professores e pais respondentes em estudos sobre sexualidade infantil, o que também podem ser encontradas barreiras metodológicas, como por exemplo, esses informantes compreenderem que o comportamento observado seja sexual (Sullivan, 2003).

Conforme Fisher, White, Byrne e Kelley (1988) segundo a disposição aprendida de uma pessoa sobre sexo, esta terá maior ou menor inclinação a observar comportamentos sexuais; o conceito de erotofobia e erotofilia desenvolvidos pelos pesquisadores indicam que pais erotofóbicos não aceitam a sexualidade dos filhos, já que apresentam respostas de evitação aos estímulos sexuais, desviando das “pistas” dos comportamentos sexuais. Já pais erotofílicos tem respostas positivas em relação à sexo são receptivos a observar o comportamento sexual infantil.

Ainda assim, pesquisas com pais informantes utilizando entrevistas e/ou inventários são mais usuais. Duas importantes revisões da literatura sobre impactos do abuso sexual infantil apresentam este modelo; Kendall-Tackett, Willians e Finkelhor (1993) e (Browne & Finkelhor, 1986), neste último, dos vinte e seis estudos apresentados apenas seis tinham as crianças como respondentes.

Nestas revisões um dos impactos observados em crianças vitimizadas foram os comportamentos sexualizados. No trabalho de Browne e Finkelhor (1986) seis de oito estudos apontaram mais comportamentos sexualizados em crianças abusadas quando comparadas a crianças clínicas não vitimizadas. Já na revisão de Kendall-Tackett, Williams e Finkelhor (1993) dois estudos usando medidas padronizadas evidenciaram comportamento sexual impróprio em vítimas infantis.

Foram citados como comportamentos sexuais impróprios a masturbação não privada, exposição de órgãos sexuais e excessiva curiosidade sexual. Neste sentido, fica a indagação do que é entendido como comportamento sexual próprio, pertinente a uma faixa de desenvolvimento esperada.

Em uma cultura que negou a sexualidade das crianças até a chegada da puberdade também fomentou que comportamentos sexuais infantis são potenciais sinais de manifestações de abuso e/ou quadros psicopatológicos.

Ao encontro disto Sandfort e Rademakers (2000) compreendem que estudos que levam ao conhecimento do comportamento sexual infantil normal podem contribuir com a diminuição de preocupações de pais/professores/técnicos de saúde em relação ao comportamento sexual esperado.

Os autores explicitam também que há poucas pesquisas empíricas sobre o desenvolvimento sexual normal da criança, que a maioria dos estudos tratam direta ou indiretamente de vítimas de abuso sexual.

Desta forma, para um exame do desenvolvimento sexual normativo, foi realizada por meio de uma linha histórica uma sucinta apresentação dos estudos empíricos abordados de duas maneiras, os relatos de pais/responsáveis e/ou professores como informantes por meio de instrumento padronizado e o estudo retrospectivo com adultos.

No estudo retrospectivo de Lamb e Coakley (1993) com o objetivo de identificar jogos sexuais infantis normativos, 128 estudantes universitárias com idade média de vinte anos receberam um questionário para descreverem uma memória de experiência normal de brincadeira sexual na infância. Os resultados mostraram que 85% das participantes (108 voluntárias) se lembravam de algum tipo de jogo sexual na infância que ocorreu com idade média de 7,5 anos. Das participantes 26% relataram exposição, 17% toque genital sem vestimenta, 15% toque genital com vestimenta, 14% beijo, 6% introduziram objetos nas genitálias e 4% tiveram contato oral-genital.

O estudo de Phipps-Yonas, Yonas, Turner, Kamper (1993) teve como respondentes da pesquisa 564 cuidadores de creches. Foram observadas crianças com idades entre 1-3 anos e 4-6 anos. Os achados da pesquisa apontaram que as crianças mais novas tinham maior conforto com a própria nudez; já as crianças mais velhas foram vistas como mais curiosas, e se envolviam em atividades de simulação de comportamentos sexuais que tinham visto ou ouvido falar.

Num estudo epidemiológico de Lindblad, Gustafsson, Larsson e Lundin (1995) com objetivo de desenvolver um questionário para observação de comportamento sexual infantil e investigar a frequência de comportamento sexual em crianças como também estudar as correlações das frequências observadas, foram respondentes do questionário 50 cuidadores de creches suecas; a média de idade dos informantes era de 32 anos e exerciam a profissão em média há 8 anos. Foram observados 251 crianças, meninos e meninas com idades entre 2-6 anos. Os comportamentos observados que ocorriam diariamente em meninas eram busca por contato corporal 32,7% e responsividade ao adulto quando este buscava contato corporal 45%.

Kaeser, DiSalvo e Ron Moglia (2000) realizaram um estudo com professores informantes sobre o comportamento sexual infantil observados na escola. Participaram do estudo 29 professores (entre jardim da infância e ensino fundamental) de 10 escolas públicas de Nova York. Ao total foram 703 alunos incluindo todas as turmas, sendo 360 meninos e 343 meninas. Os comportamentos compreendidos como normais e sexuais (a julgamento do professor) mais frequentes em crianças pequenas do jardim da infância (N.155) foram: conversar sobre genitais, expor os genitais, brincar de médico, masturbação ocasional, imitação de beijo e falar palavrões e/ou piadas de ordem sexual.

O trabalho de Friedrich e Grambsch (1991) foi muito promissor pois além de fazer uso de um inventário padronizado o Child Sexual Behavior Inventory (CSBI) o estudo trouxe um comparativo entre crianças clínicas (vitimizadas) e crianças normativas. A amostra normativa (N= 880) foi comparada com uma amostra de crianças abusadas sexualmente (N=276) em crianças com idades entre 2-12 anos. Usando o modelo de análise de covariância (ANCOVA) dos 35 comportamentos avaliados, 27 diferiram significativamente entre os grupos estudados ($p < 0,05$). A análise também foi realizada dividindo os grupos por idades, como por exemplo 2-6 anos e relacionando-os à renda familiar e educação materna; foram observadas

diferenças importantes para meninas ($F=5.7$, $p<.0002$) e para meninos ($F=5.3$, $p<.0004$).

Outro estudo de comportamento sexual infantil normativo foi realizado por Friedrich, Fisher, Broughton, Houston e Shafran (1998). Neste trabalho com o objetivo de entender o comportamento sexual normativo da infância foi amostra um $N=1114$ crianças com idades entre 2-12 anos; os comportamentos foram coletados por meio do Inventário CSBI somado a um questionário que abordava o estresse familiar, a sexualidade familiar, atitudes maternas e período (em horas) que a criança passava na escola.

Dos resultados encontrados o comportamento sexual irá variar com a idade da criança, somado a capacidade de observação dos informantes (pais). Observou-se que crianças com idades entre 2-5 anos, com um pico de comportamento sexual no quinto ano de vida são mais sexuais se comparado aos grupos de idades superiores. Os comportamentos relacionados ao desenvolvimento em crianças com idades entre (2-5 anos) foram: “fica muito próximo às pessoas” 29.3%, “toca partes sexuais em locais públicos” 26.5%, “toca ou tenta tocar os seios da mãe ou de outra mulher” 42.4%, “toca partes sexuais quando está em casa” 60.2% e “tenta olhar para as pessoas quando estão nuas ou se despindo” 26.8%.

A pesquisa de Larsson, Svedin e Friedrich (2000) trouxe um estudo de perspectiva transcultural com o objetivo de expandir o conhecimento dos comportamentos sexuais normativos de crianças sob a influência cultural. Foram amostra $N=185$ crianças pré-escolares suecas (3-6 anos) comparadas com $N=467$ crianças americanas (3-6 anos); o instrumento utilizado foi o Inventário CSBI. Dos resultados da pesquisa observou-se que as crianças suecas apresentaram mais comportamentos sexuais se comparado às crianças americanas; outro fator interessante é que no estudo americano só as mães responderam ao questionário já na amostra sueca 30% dos informantes foram os pais.

As diferenças mais marcantes entre meninos americanos e suecos foram a linguagem sexual ($\text{Chi-}2=83.7$, $P < .001$) e contato corporal ($\text{Chi-}2=49.2$, $P < .001$). Diferenças significativas, mas em um nível inferior, também foram observadas para identidade sexual ($\text{Chi-}2 = 9.6$, $P < .01$), tocar partes do corpo ($\text{Chi-}2 = 4.9$, $P < .05$), brincar com conteúdo sexual ($\text{Chi-}2 = 4.3$, $P < .05$) e comportamento exibicionista ou voyeurístico ($\text{Chi-}2 = 4.1$, $P < .05$).

As diferenças significativas entre meninas suecas e americanas foram encontradas nas áreas de linguagem sexual ($\text{Chi-2} = 87.1, P < .001$) e contato corporal ($\text{Chi-2} = 23.6, P < .001$). No geral, as meninas da pré-escola sueca exibiram mais comportamentos sexuais se comparado com as meninas americanas ($\text{Chi-2} = 5.6, P < .05$).

Outro estudo transcultural (Schoentjes, Deboutte & Friedrich, 1999) foi realizado com crianças de origem belga ou holandesa sem suspeita de abuso sexual com idades entre 2-12 anos ($N = 917$) com o objetivo de avaliar os comportamentos sexuais e compará-los a uma amostra de crianças americanas de dois estudos anteriores (Friedrich, Grambsch, Broughton, Kuiper & Beilke, 1991) e (Friedrich, Fisher, Broughton, Houston & Shafran, 1998). Os resultados encontraram semelhanças dos estudos anteriores citados que as crianças na faixa etária entre 2-5 anos independentemente do gênero são mais sexuais se comparadas a crianças de idades mais elevadas. A correlação da idade e a pontuação média do item foi significativa ($r = -.34, P < .0001$).

Em relação a análise das frequências com comportamentos individuais do CSBI para crianças em idade pré-escolar, observou-se: "tocar partes sexuais em público ou em casa", "tocar ou tentar tocar os seios da mãe", "se despirm na frente dos outros", "beijar outras crianças que não sejam da família" ou "andar por aí sem roupas ou com roupa de baixo." Os achados relativos às tendências de desenvolvimento na ocorrência de diferentes comportamentos sexuais são muito semelhantes aos relatados por Friedrich, et al. (1991) e Friedrich, et al. (1998) nas amostras normativas americanas.

Friedrich et al. (2001) realizou um estudo para avaliar e comparar o comportamento sexual infantil de crianças com idades entre 2-12 anos com amostras normativas ($N=114$), psiquiátricas ($N= 577$) e vitimizadas ($N=620$). Informações sobre eventos da vida (separação dos pais, morte, doença parental, doença infantil, etc.) foram menores em crianças da amostra normativa ($M= 1.1, DP=1.1$), seguido pela amostra psiquiátrica ($M=2.0, DP=1.6$) e a amostra de abuso sexual ($M= 2.6, DP=1.1$). Essas diferenças foram significativas, $F(2,2188) = 216.7, p < .001$. Análises post hoc com o teste de Scheffe indicaram que o grupo de abuso sexual obteve uma pontuação maior que os outros dois grupos em todos os itens, incluindo o item 1 "se veste como o sexo oposto". A amostra ambulatorial obteve pontuação maior que a amostra normativa nos itens "fica muito perto das pessoas", tenta olhar imagens de pessoas

nuas ou parcialmente vestidas”, “fala sobre atos sexuais”, “quer assistir filmes e/ou TV com cenas de nudez e sexo”, “sabe mais sobre sexo que outras crianças da sua idade” e “outros comportamentos sexuais”. A amostra normativa obteve pontuação maior se comparada à ambulatorial no item “toca ou tenta tocar o seio da mãe ou de outras mulheres”.

Outro estudo comparativo foi de Larsson & Svedin (2002) cujo objetivo foi identificar os comportamentos sexuais em crianças suecas de 3-6 anos no ambiente escolar e doméstico. Foram amostra neste estudo (N=185) e dois informantes, pais e professores que responderam ao inventário CSBI. Os resultados dos relatórios dos professores mostram uma diferença significativa ($p = .003$) entre meninos e meninas no valor médio da pontuação total do comportamento sexual na creche (meninos 6.2, meninas 4.0), em contraste com os valores médios dos relatórios dos pais, onde não houve diferenças de gênero evidentes (meninos 9.2, meninas 10.7). Também houve diferenças significativas em seis itens únicos para meninos e meninas entre a casa e a creche. Crianças de ambos os sexos andavam nuas em casa com mais frequência, falavam sobre sexo, abraçavam adultos fora da família, exibiam genitália para adultos (da família), masturbavam-se e tentavam tocar na genitália de outras crianças. Para as meninas, outros três comportamentos diferiram significativamente entre os dois ambientes, uso de vocabulário sexual, exibição de órgãos genitais para outras crianças e fingir ser do sexo oposto nas brincadeiras, todos observados com mais frequência pelos pais. Esses comportamentos ocorreram em 20% a 30% das meninas em casa, enquanto os valores da creche foram de 4% a 5%. Os meninos diferiam significativamente em quatro itens: manipular os órgãos genitais, masturbar-se com objetos, tocar os órgãos genitais em público e falavam sobre ser do sexo oposto com muito mais frequência em casa, mas os números eram baixos (0% - 9%) em ambos os ambientes.

Thigpen, Pinkston e Mayefsy (2003) realizaram um estudo com o objetivo de investigar a amplitude e frequência de comportamentos sexuais em crianças afro-americanas (N= 56); a amostra do estudo foi mista, de meninos e meninas com idades entre 2-12 anos, utilizando o Inventário CSBI como instrumento.

Os resultados preliminares da amostra sugerem que crianças mais novas com idades entre 2-6 anos apresentam maior frequência de comportamentos sexuais. O comportamento semelhante tanto para meninos, quanto para as meninas foi: fica muito perto das pessoas (25%), interessado no sexo oposto (35%), toca os seios das

mulheres (25%) e toca partes íntimas quando está em casa (20%) com maior frequência para os meninos. Já as meninas pontuaram: toca os seios das mulheres (33.3%), seguido de tenta olhar quando as pessoas estão nuas/se despindo, finge que bonecas/animais de pelúcia estão fazendo sexo, abraça adultos que eles não conhecem bem e interessado no sexo oposto, todos com 25%.

O trabalho de Kenny & Wurtele (2013) realizou uma comparação dos comportamentos sexuais em crianças latinas (N= 188) e dados de uma amostra não-clínica normativa separadas do CSBI (N= 1114) (Friedrich, 1997).

Para os meninos latinos, a pontuação total do CSBI $t(86) = 0.43$, $p = .67$ e a vinculada ao comportamento sexual relacionado ao desenvolvimento (DRSB) $t(86) = 1.70$, $p = .09$, não foram significativamente diferentes se comparada a amostra normativa. No entanto as pontuações relacionadas a itens específicos de abuso sexual (SASI) foram mais altas nos meninos latinos se comparados as amostras normativas $t(86) = 5.57$, $p < .001$, especificamente nos itens colocar objetos na vagina e ânus e excessivamente amigável com homens que não conhece bem.

Já as meninas latinas da amostra não apresentaram diferenças importantes na escala total do CSBI, $t(100) = 1,79$, $p = .08$; mas, para as subescalas DRSB e SASI tiveram pontuações mais altas se comparada a amostra normativa. Nos comportamentos sexuais relacionados ao desenvolvimento (DRSB) - $t(100) = 4,15$, $p < 0,001$, os itens: fica muito próximo as pessoas, toca ou tenta tocar os seios da mãe ou de outras mulheres e beija outras crianças que eles não conhecem bem apresentaram maior diferença. Na subescala SASI $t(100) = 4,48$, $p < 0,001$ os itens: coloca a boca nas partes sexuais do adulto ou de outra criança, e ao beijar, tenta colocar a língua na boca de outra pessoa foram significativamente mais elevados, exceto para o item masturba-se com as mãos que a amostra normativa apresentou valores mais elevados se comparada a amostra das meninas latinas.

Rocha, Monteiro, Ulian & Silvares (2018) contribuíram com uma amostra de crianças brasileiras. O objetivo do estudo foi verificar a ocorrência de diferentes comportamentos sexuais na infância, a partir da perspectiva dos pais. Foram amostra pais de 54 crianças (28 meninos e 26 meninas) com idades entre 4-8 anos (média = 5.78, desvio padrão= 1.24), sem histórico de problemas de saúde mental ou abuso sexual. Foram utilizados como instrumentos de coletas o CSBI e a versão brasileira do Child Behavior CheckList (CBCL). Os itens mais assinalados para os pré-escolares foram: “35: brinca com brinquedo do sexo oposto” (63.6% - meninos) / (50% -

meninas), “11: toca genitais em casa” (54.5% - meninos) / (41.7% - meninas) e “6: toca os seios (da mãe ou de outra mulher)” (54.5% - meninos) / (50% - meninas). Dois itens não foram apontados por nenhum dos respondentes: “5. causa machucados na região anal e nas coxas por excesso de manuseio” e “17. insere ou tenta inserir objetos na vagina e/ou ânus”. Os resultados sugerem que os comportamentos sexuais, comumente apresentados durante o desenvolvimento infantil, estão presentes na amostra deste estudo.

2.2 DESENVOLVIMENTO MORAL

A moralidade e seu curso de desenvolvimento sempre foi um tema de grande interesse das áreas do conhecimento. Como um bebê ao nascer carente de princípios morais transforma-se ao longo de sua trajetória de vida em um sujeito moral? Os estudos filosóficos de Sócrates, Platão e Aristóteles já refletiam sobre meios educativos que visavam o alcance da moralidade.

Para a psicologia quando um sujeito internaliza o contíguo de regras de seu meio cultural e as cumpre na insuficiência de incentivos ou punição, compreende-se que este indivíduo se apropriou da moralidade. Sigmund Freud (1856-1939) explicitou sobre a internalização dos valores morais quando a criança transita entre o “complexo de Édipo”, o sentimento de culpa e a ansiedade em relação a possibilidade de perder o amor dos pais (Biaggio,2003).

Já os teóricos behavioristas ou da aprendizagem apontam que a consciência ou moralidade assemelham-se ao evento de resistência à extinção; B.F.Skinner (1904-1990) assinala que as ações emitidas pelos sujeitos não são intrinsecamente boas ou más, mas são consequências de contingências de reforço consistentes com a cultura de um determinado grupo social e governadas por reforçadores verbais. Assim, a moralidade reflete comportamentos que foram reforçados por juízos de valor associados a normas culturais (Turiel,2008).

Diferentemente dos teóricos anteriormente explicitados que denotaram a moral como algo extrínseco, que dizer, estava no meio social e foi internalizado ao sujeito, os psicólogos das teorias cognitivo-evolutivas entendem o indivíduo como propulsor do desenvolvimento moral.

Conforme Duska e Whelan (1975) os psicólogos Jean Piaget (1896-1990) e Lawrence Kohlberg (1927-1987) em suas pesquisas sobre julgamento moral – com

foco na forma como o sujeito elabora e compreende o certo e errado e não no comportamento moral em si - expuseram que o desenvolvimento ocorre por meio de reorganizações cognitivas, denominadas estágios; cada fase é caracterizada por forma, padrão e organização identificáveis. Então, o desenvolvimento moral não se resume a impressão de regras e seu cumprimento, mas é um processo que envolve transformações nas estruturas cognitivas e estimulação social.

Assim, para melhor compreensão a teoria do desenvolvimento moral de Kohlberg faz-se necessário uma breve revisão de seus pressupostos que foram alicerçados na teoria piagetiana.

Piaget destinou sua obra a investigação da evolução do pensamento – identificou estágios universais em uma sequência invariante - sua perspectiva baseava-se na interação entre estruturas cognitivas (biologicamente determinadas) e a interação ambiental.

De acordo com Biaggio (2002), Piaget identificou quatro estágios de desenvolvimento cognitivo: sensório-motor, pré-operatório, de operações concretas e de operações formais; a classificação por faixa etária do início e fim de cada estágio é puramente indicativa, pode ocorrer uma variação a depender da evolução de cada criança.

Durante os dois primeiros anos de vida, a criança encontra-se no primeiro estágio, o sensório-motor. Nesta etapa a atividade intelectual é estritamente sensorial e motora, e por meio da interação ambiental ainda limitada neste momento a criança passa a integrar som e visão, noções de distância e profundidade, e relações de causalidade.

O estágio seguinte, pré-operatório, se dá entre 2 a 6 anos. Neste momento a criança desenvolve sua linguagem e capacidade simbólica; uma forte característica nesta fase é o egocentrismo além do animismo, antropomorfismo e a incompreensão da reversibilidade.

Aproximadamente dos 7 aos 12 anos há o início do pensamento lógico baseado em objetos concretos, denomina-se este período de operatório concreto. Observa-se o desenvolvimento das noções de conservação, composição de elementos, associação e identidade.

O andamento das operações formais inicia-se aos 12 anos de idade e é caracterizado pela capacidade de abstração, teste de hipóteses e raciocínio científico.

Segundo Piaget (1994) o julgamento moral ocorre por meio de etapas paralelas ao desenvolvimento cognitivo geral. Essa análise foi realizada observando os jogos de bolinhas de gude e amarelinha identificando-se na prática os estágios da evolução de regras e dos comportamentos frente a estas.

O primeiro estágio (até os dois anos) é uma fase motora e individual, a criança brinca sozinha, manipulando as bolinhas e estabelecendo padrões ritualizados com seus hábitos motores sem haver regras.

Dos dois aos cinco anos a criança está no segundo estágio; ela é egocêntrica, joga sozinha e da forma como lhe convém; se houver pares, cada um joga por si, com suas próprias regras e com a possibilidade de mais de um vencedor. Nesta etapa a criança tem consciência de forma rudimentar que existem regras, e as considera extremamente importantes e imutáveis, pois vieram de uma autoridade (pais, professora, Deus). O respeito e a obediência unilateral demonstrado pela criança é a heteronomia; o realismo moral também é característico da fase.

A cooperação começa a surgir no terceiro estágio. Entre 7 e 9 anos as crianças começam a entender que os participantes devem jogar da mesma maneira, para que haja respeito e o bom funcionamento do jogo. Nesta etapa há um consentimento e controle mútuo das regras, logo respeitá-las é obrigatório.

O estágio final ocorre entre 11 a 14 anos, a capacidade de codificação de regras, quer dizer, a elaboração das mesmas é observada. O respeito imutável das regras já não existe mais, as mudanças podem ocorrer desde que todos os envolvidos concordem. Esta característica é a autonomia.

Os princípios de justiça também progridem no decorrer das etapas identificadas por Piaget. Na etapa pré-operatória a justiça se encontra submissa a um domínio adulto, logo a obediência é indubitável e a punição sempre aceita. O equalitarismo progressivo é observado em crianças no operatório concreto, a ação moral é valorizada e a punição é esperada e recíproca. No estágio mais alto – operatório formal- a equidade é notada, a punição não é uma condição necessária e já se considera o perdão e a retribuição (Biaggio, 2003).

Lawrence Kohlberg criticou as concepções behavioristas e psicanalíticas influentes sobre moralidade, e defendeu a necessidade de um estudo empírico. De acordo com Biaggio (2002), por meio do pesquisador os estudos sobre desenvolvimento moral se ampliaram excepcionalmente. Kohlberg desenvolveu um instrumento chamado *Moral Judgment Interview* (MJI) que consiste em uma entrevista

semiestruturada sobre dilemas morais hipotéticos com o objetivo de avaliar o juízo moral.

O dilema mais conhecido é sobre Heinz:

Na Europa, uma mulher estava quase à morte, com um tipo de câncer. Havia um remédio que os médicos achavam que poderia salvá-la. Era uma forma de radium que um farmacêutico na mesma cidade tinha descoberto recentemente. O remédio era caro para se fazer e o farmacêutico estava cobrando dez vezes mais do que ele lhe custava na fabricação [...]. O marido da mulher doente, Heinz, foi a todo mundo que ele conhecia para pedir dinheiro emprestado, mas conseguiu aproximadamente 2 mil dólares, o que é metade do preço do remédio. Ele disse ao farmacêutico que sua mulher estava morrendo, e pediu-lhe para vender o remédio mais barato ou deixá-lo pagar depois. Mas o farmacêutico disse: “Não, eu descobri o remédio e vou ganhar dinheiro com isto”. Então Heinz ficou desesperado e assaltou a farmácia para roubar o remédio para a sua mulher (Kohlberg, 1992, p.589).

Após exposto o dilema é feita uma análise das respostas em relação as perguntas sobre o dilema, e por meio deste exame é que se avalia em qual estágio o sujeito se encontra.

É importante ressaltar que os estágios propostos por Kohlberg se referem ao raciocínio de justiça e não das emoções e/ou ações, ou seja, não é o que o indivíduo faz, mas sim as razões que o levaram a fazer. Essas razões são os indicadores dos níveis de maturidade moral (Duska e Whelan, 1975).

Outro ponto relevante de sua teoria é em relação a universalidade dos princípios morais. Kohlberg (1992) desenvolveu uma sequência de três níveis: pré-convencional, convencional e o pós-convencional, estes divididos em dois subestágios - A (estilo heterônomo) e B (estilo autônomo). Ele afirma que todas as culturas passam pelas etapas do desenvolvimento moral (princípios éticos são diferentes de regras e crenças convencionais) e na mesma ordem, mas nem todos atingem os estágios mais elevados (Biaggio, 2002).

A apresentação dos estágios propostos por Kohlberg estão baseados em Kohlberg (1992), Duska e Whelan (1975) e Biaggio (2002).

O Nível pré-convencional é visto na maioria das crianças com menos 9 anos, é interpretado em termos de certo ou errado, modulados por consequências físicas ou hedonistas (punição, recompensa, barganha). As regras da sociedade são externas ao *self*. Este nível é dividido em duas etapas, sendo elas:

- Orientação para a punição e obediência (subestágio A): a moralidade é definida pelas consequências, se há punição está errado e se não há punição está correto. Nesse estágio é esperado respostas que Heinz estava certo em roubar, desde que, não tenha sido pego.

- Hedonismo instrumental relativista (subestágio B): A ação moralmente correta é aquela que satisfaz as minhas próprias necessidades e ocasionalmente as necessidades dos outros. Elementos de reciprocidade e justiça estão presentes, mas de uma forma concreta. Nesta etapa repostas como é certo roubar para salvar a vida da esposa porque ele precisa dela para ajudar nas tarefas de casa, é esperada.

O nível convencional é observado na maioria dos adolescentes e adultos; nesse grau o *self* identifica-se com as regras, logo, manter as expectativas e ser leal aos grupos, familiares ou a própria nação é o esperado, independentemente das consequências imediatas. Seguem subtipos:

- Moralidade do bom garoto, de aprovação social e relações interpessoais: neste estágio a equidade começa a surgir e já se compreende que não há uma igualdade absoluta, ainda assim, o pensamento é egocêntrico, no sentido de que o comportamento moral correto é o que agrada aos outros para ser aceito. Espera-se por exemplo, no dilema de Heinz, uma resposta “é dever de todo bom marido salvar a vida da mulher” ou “se ele não roubasse o que pensariam dele, que é um marido ruim”.

- Orientação para a lei e a ordem: etapa mais observada em adultos, a justiça está relacionada a ordem social, então, há um grande apreço pela autoridade e pelas regras fixas. Neste estágio mesmo quando respondido que Heinz deveria roubar salienta-se que este é um caso atípico para salvar uma vida, mas que a lei deve ser respeitada para manter o bem-estar social.

Já o nível pós-convencional é atingido por uma minoria dos adultos, estes entendem e aceitam as regras da sociedade, mas definem os valores morais em princípios próprios.

- Orientação para o contrato social: há uma ênfase nas questões legais, mas compreende-se também que essas podem ser injustas, logo, por meio de canais apropriados elas podem ser mudadas/flexibilizadas. Aqui é observado por exemplo, respostas em relação ao dilema de Heinz em que deveria existir uma lei que proibisse abuso de preços em fármacos específicos.

- Princípios universais de consciência: este é o último estágio proposto por Kohlberg, o mais elevado em pensamento moral. Pauta-se no princípio da justiça, do *role-taking* (papel social) e do respeito pela personalidade. Leis específicas e acordos sociais são válidos, mas se houver leis injustas que não podem ser solucionadas por meio democrático se prevalecerá a moralidade da desobediência, fidos aos seus princípios. Neste estágio, no dilema de Heinz, espera-se uma resposta que não despreze o contexto legal (roubar é errado), mas apoie o moralmente correto (o dever de qualquer pessoa é salvar uma vida quando lhe é possível). Assim, deixar de furtar não é superado pelo dever moral de salvar uma vida.

Kohlberg (1992) explicita que um dos temas fundamentais da psicologia cognitivo-evolutiva são os estágios, que tanto o desenvolvimento cognitivo como o moral ocorrem por meio do progresso dos estágios.

O percurso entre os estágios se dá quando há um desequilíbrio cognitivo, ou seja, quando a perspectiva do sujeito não é apropriada para compreender um dilema moral. Assim, o indivíduo buscará formas cada vez mais adequadas de solucionar um determinado problema moral (Duska e Whelan, 1975).

Neste sentido, os estágios do desenvolvimento moral podem ser puros – quando o pensamento se encontra em no mínimo 80% em um único estágio. Transicionais – predominância de um estágio mais baixo, mas há a presença do raciocínio posterior; e, em consolidação – prevalência de um estágio mais alto, porém com a presença do raciocínio de um estágio anterior (Bataglia, Morais & Lepre, 2010).

Kohlberg (1966) em sua perspectiva cognitivo-evolutiva também contribuiu realizando uma análise sobre os conceitos e atitudes sexuais das crianças. Em sua teoria os modos sexuais básicos dos sujeitos não são modelados somente pelas demandas biológicas e/ou normas culturais, mas sim pela organização cognitiva da criança em seu mundo social.

Assim, conforme Kohlberg (1966) os papéis e atitudes sexuais são produtos do amadurecimento cognitivo. Desde o nascimento a criança é estimulada de forma verbal a sua autoclassificação, aos dois anos e meio uma criança é capaz de dizer se é um menino ou menina, mas está classificação é a mesma que ela afirmar ser o Pedro, a Maria ou um personagem favorito, por exemplo. Neste momento ela entende que pode haver outros meninos ou meninas, mas não é capaz de incluir a denominação em uma categoria (Gesell et al., 1940 citado por Kohlberg, 1966).

Por volta dos 3 anos ela já é capaz de dizer com mais certeza se é um menino ou uma menina, mas ainda não é apto para categorizar outras pessoas. Nos próximos dois anos (entre 4 e 5 anos) a criança já consegue fazer isso com maior domínio por meio de alguns critérios físicos como vestimentas e acessórios, por exemplo. Do ponto de vista cognitivo-desenvolvimentista a capacidade de categorizar e consolidar conceitos é apenas um aspecto da estabilização geral das permanências de objetos físicos que ocorre a partir dos três anos (Kohlberg, 1966).

Assim, a criança passa a dar importância aos atributos anatômicos, porque ela começa a ter consciência das diferenças físicas, de estatura e de força. A concretude geral do pensamento das crianças pequenas as leva a definir os atributos sociais e comportamentais em termos corporais específicos. Logo, os homens são maiores/ mais fortes, então são mais destemidos (policia, bombeiro, etc.). As mulheres, são menores, menos fortes e são vinculadas a nutrição, carinho, demonstração de afeto (professora, babá, enfermeira, etc.) (Kohlberg, 1966).

Neste período a criança é egocêntrica, e valoriza qualquer coisa que seja semelhante a ela, bem como entende que tudo que faz e produz é bom; assim, o sujeito tende a imitar quem é parecido, incluindo os comportamentos e papéis sexuais.

De forma sintética os cinco mecanismos elaborados por Kohlberg (1966) pelos quais ocorrem o desenvolvimento da auto categorização e atitudes comportamentais são: (1) A tendência de esquematizar interesses e responder aos novos que são consistentes com os antigos. (2) A tendência a fazer juízos de valor consistentes com uma identidade auto conceitual. (3) A tendência dos valores de prestígio, competência ou bondade estarem intimamente e intrinsecamente associados aos estereótipos. (4) A tendência de ver a conformidade básica com o próprio papel como moral, como parte da conformidade com uma ordem sócio moral geral. (5) A cadência para imitar ou modelar pessoas que são valorizadas por causa de prestígio e competência, e que são percebidas como o próprio eu.

Neste sentido, salienta-se que a aprendizagem é cognitiva, seletiva e internamente organizada por esquemas relacionais, e não associações diretas aos eventos do mundo exterior.

No que tange os comportamentos e papéis sexuais, os esquemas que se atrelam aos eventos externos abarcam conceitos de corpo, mundo físico e social, e categorias gerais relacionadas - causalidade, substancialidade, quantidade, tempo, espaço, identidade lógica e inclusão. Os conceitos da sexualidade infantil são o

resultado da estruturação ativa da sua própria experiência, não são produtos passivos da formação social e, assim como as organizações cognitivas alteram com a progressão da idade, as cognições sexuais também (Kohlberg, 1966).

3. MÉTODO

3.1 TIPO DE ESTUDO

O presente projeto de pesquisa tem como objetivo investigar se há um padrão de comportamentos sexuais específicos independentemente do nível socioeconômico. O método é um caso-controle, com corte transversal e análise quantitativa. A divisão em dois grupos A e B é baseada na variável socioeconômica, esta independente, para observar o que é característico do processo de desenvolvimento ou diferenças de caráter ambiental/cultural. A hipótese de nulidade é que os comportamentos sexuais encontrados nos participantes sejam iguais nos dois grupos de pesquisa. A hipótese um é que os dois grupos estudados apresentem comportamentos sexuais distintos.

3.2 PARTICIPANTES

Participaram deste estudo 60 (sessenta) mães e 01 (um) pai de crianças pré-escolares com idades entre 2 e 5 anos e 11 meses, sem histórico e/ou suspeita de abuso sexual, e também que não apresentam deficiências intelectuais e/ou físicas que estejam matriculados no ensino infantil.

Trata-se de uma amostra de conveniência colhida aleatoriamente na população a partir de convocação via internet em grupos específicos para pais e/ou responsáveis por crianças dentro da faixa etária dos participantes da pesquisa.

3.2.1 GRUPO A

O grupo A é composto por 33 mães de crianças pré-escolares com idades entre 2 – 5 anos e 11 meses regularmente matriculadas no Ensino Infantil de Escolas Privadas.

3.2.2 GRUPO B

O grupo B é composto por 27 mães e 01 pai de crianças pré-escolares com idades entre 2 – 5 anos e 11 meses regularmente matriculadas no Ensino Infantil de Escolas Públicas ou Centros de Educação Infantil sem fins lucrativos.

3.3 CRITÉRIOS DE INCLUSÃO

Foram incluídos nos grupos A e B crianças com idades entre 2 – 5 anos e 11 meses matriculadas no ensino infantil e/ou centros de educação infantil, tanto público quanto privado.

3.4 CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO

Foram excluídas da amostra em ambos os grupos:

- Crianças que não estavam dentro da faixa etária indicada para o estudo.
- Crianças que não estavam matriculadas no ensino infantil.
- Crianças com história e/ou suspeita de ter sofrido abuso sexual.
- Crianças com queixas ou diagnóstico de deficiências físicas e/ou intelectuais.

3.5 INSTRUMENTOS E MATERIAIS

- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Todos os participantes desse estudo tiveram acesso ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que explicitou sobre os procedimentos da pesquisa e, então assinados os TCLE, foram enviados de forma digital por meio da ferramenta Google Forms.

- Child Sexual Behavior Inventory (CSBI) é um inventário que faz uso dos pais ou cuidadores primários como informantes dos comportamentos sexuais infantis. É aplicado em crianças com idades entre 2-12 anos e possibilita a esses informantes fornecer uma ampla variedade de comportamentos sexuais, com o objetivo de ser mais uma ferramenta na investigação de suspeitas de abuso sexual.

O instrumento foi desenvolvido após a observação de que por meio dos itens de comportamento sexual do CBCL (Achenbach, 1991) era possível discriminar crianças abusadas sexualmente das não vitimizadas, desta forma, foi reconhecido que o abuso sexual está relacionado à presença precoce de alguns comportamentos sexuais em crianças (Friedrich, Urquiza e Beilke, 1986).

O Inventário utilizado na presente pesquisa é validado para a população brasileira (Rossetti e Assumpção-Junior, 2014) e é baseado na versão completa do CSBI (Friedrich, 1997) que consiste em 38 itens que avaliam por meio de uma escala

likert de quatro pontos os comportamentos sexuais apresentados nos últimos seis meses categorizando-os três escalas: CSBI Total, Comportamento Sexual relacionada ao estágio do desenvolvimento (Developmentally Related Sexual Behavior - DRSB) e Itens Específicos do Abuso Sexual (Sexual Abuse Specific Items - SASI).

São nove os domínios avaliados no instrumento por meio de 38 itens que os respondentes avaliam a frequência dos comportamentos ocorridos, sendo eles:

- Problemas de limite (*Boundary Issues*): itens 2,7,17,24,26,32,36 - dificuldades relacionadas a manutenção do distanciamento interpessoal.
- Exibicionismo (*Exhibitionism*): itens 21,33 - revelação de partes sexuais do próprio corpo para adultos e crianças.
- Representação dos papéis de gênero (*Gender Role Behavior*): itens 1,3 - interesse em agir ou ser como o sexo oposto.
- Auto-estimulação (*Self-Stimulation*): itens 4,5,8,12,18 - comportamento de tocar-se com o propósito de prazer sexual.
- Ansiedade sexual (*Sexual Anxiety*): item 25 - aumento de ansiedade e angústia ao presenciar a sexualidade adulta (como expressão de afeto por meio de abraço e beijo).
- Interesse sexual (*Sexual Interest*): itens 6,15,28,35 - interesse pelo sexo oposto e/ou por comportamentos sexuais.
- Intromissão sexual (*Sexual Intrusiveness*): itens 9,10,11,13,14,16,27,29,31,34 - violação da privacidade sexual de outra pessoa (adulto ou criança), como tocar órgãos sexuais/ tentar tirar a roupa.
- Conhecimento sexual (*Sexual Knowledge*): itens 20,23,37 - Conhecimento do comportamento sexual além do esperado para a idade.
- Comportamento Voyeurístico (*Voyeuristic Behavior*): 19,22,30 - interesse e esforço para observar as partes sexuais de outras pessoas.

A interpretação clínica das respostas em cada item é obtida em três subescalas: a Escala Total (*CSBI Total*) avalia os nove domínios do comportamento sexual indicando o nível global por meio da soma de todos os itens do CSBI; a subescala Comportamento sexual relacionado ao desenvolvimento (*DRSB*) reflete o nível de comportamento sexual apropriado para a idade e gênero; são comportamentos relatados em pelo menos 20% da amostra normativa ocorrido pelo

menos uma vez no período de seis meses anterior ao preenchimento do inventário. (Friedrich, 1997); já os Itens Específicos do Abuso Sexual (SAS) são os que empiricamente estão relacionados a maior frequência em crianças que foram vitimizadas, mas que podem ser observados a depender de outras demandas ambientais (Rossetti e Assumpção-Junior, 2014).

- Questionário de Pesquisa

Os participantes responderam a um questionário de pesquisa contendo 21 perguntas com o objetivo de conhecer os comportamentos e hábitos familiares que podem vir a influenciar nos comportamentos sexuais infantis e sua frequência, como: identificação, dados familiares, rotina e saúde da criança. Itens como número de horas na escola, frequência no uso de televisores e outros equipamentos eletrônicos, anos de escolaridade do responsável, religião, hábitos de sono e higiene, entre outros comportamentos de rotina que podem ser fatores de influência para comportamentos sexuais. (Friedrich, 2003).

- Critério de Classificação Econômica Brasil

Os participantes responderam ao Critério de Classificação Econômica Brasil da Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa (ABEP, 2019) contendo 22 perguntas, a fim de identificar a qual estrato socioeconômico os membros dos grupos A e B se enquadram. Para isso, os responsáveis pelas crianças dos dois grupos responderam a itens sobre a posse de aparelhos domésticos em geral, automóvel, banheiro na residência, acesso à rua pavimentada, entre outros.

3.6 PROCEDIMENTO

A presente pesquisa cumpriu todas as normas do Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos e foi submetido à apreciação da Comissão de Ética em Pesquisa da Universidade de São Paulo (USP). Os participantes receberam todos os documentos estabelecidos pelo Conselho Nacional de Saúde em relação à pesquisa com sujeitos humanos (Carta de Informação e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido). O aceite do Termo de Consentimento foi condição para participar da pesquisa, devendo ser assinado pelo participante, mesmo que de forma eletrônica antes do preenchimento do instrumento e questionários.

Desta forma, uma convocação via internet em grupos específicos para captação de voluntários que se enquadraram nos participantes da pesquisa foi realizada. Aos interessados foi deixado o contato da pesquisadora (e-mail e telefone) que enviaram uma mensagem manifestando interesse. Após a manifestação de interesse, a pesquisadora entrou em contato com os pais e/ou responsáveis pela criança, por meio de e-mail e mensagens via telefone explicando o objetivo da pesquisa. Os responsáveis que aceitaram participar da pesquisa receberam por email um link de acesso à Ferramenta Google Forms, que ao clicar neste teve acesso ao TCLE. O participante somente acessou o Inventário CSBI, Questionário de Pesquisa e Critério Brasil após realizar o aceite e assinatura, ainda que de forma digital ao TCLE. O participante que não aceitou o TCLE não conseguiu dar prosseguimento à pesquisa, foi bloqueado automaticamente por meio da ferramenta Google Forms.

No decorrer da aplicação, andamento e conclusão da pesquisa não houve qualquer suspeita de abuso sexual sofrido por alguma criança participante.

4. ANÁLISE DE DADOS

Primeiramente, as respostas a CSBI foram corrigidas, de acordo com o crivo do instrumento. As pontuações foram convertidas para um escore T padronizado. Os escores T nas três subescalas da CSBI, “Escala Total” (CSBI Total); “Comportamento Sexual relacionada ao estágio do desenvolvimento” (*Developmentally Related Sexual Behavior - DRSB*) e “Itens Específicos do Abuso Sexual” (*Sexual Abuse Specific Items - SASI*) podem ser classificados como Não Clínicos (NC), Sugestivos de Dificuldade de Comportamento (SDC) e Clínicos (C).

A princípio, para determinar as frequências dos vários comportamentos sexuais, a proporção de crianças que endossam cada item do CSBI foi calculada para o total da amostra e por grupos de 1) idade, 2) sexo e 3) instituição de ensino que frequenta. O endosso foi definido como uma pontuação de 1, 2 ou 3, o que significa que a criança exibiu o comportamento pelo menos uma vez nos últimos 6 meses. Para determinar a mudança na frequência ao longo do tempo, a média do item foi calculada para todos os 38 itens e plotada em cada ano de idade para meninos e meninas.

Análises descritivas de frequência e porcentagem foram realizadas, visando caracterizar a amostra, agrupada por sexo, de acordo com a classificação obtida em cada subescala da CSBI. Na sequência, para verificar diferenças entre os grupos

formados decorrentes das classificações NC, SDC e C no Escore Total, estes grupos foram descritos, também em termos de frequência e porcentagem. Em ambos os casos, realizou-se a comparação entre as ocorrências observadas e esperadas entre si de cada categoria de classificação, por meio do cálculo da estatística de qui-quadrado (χ^2) (Turhan, 2020) e análise dos resíduos ajustados (Sharpe, 2015). A análise dos resíduos ajustados (calculados a partir da diferença entre as ocorrências observadas e esperadas) é um dos procedimentos mais utilizados para interpretação detalhada do teste de qui-quadrado (χ^2). Quanto maior o valor do resíduo, a partir de +1,96 ou -1,96 (derivado do valor crítico da distribuição z), maior a contribuição desta ocorrência para o resultado significativo do teste de qui-quadrado (Sharpe, 2015). Nas tabelas, este valor está abreviado como Res Ajust.

Com relação aos Comportamentos Sexuais avaliados pela CSBI, as frequências relatadas para cada participante foram somadas, para gerar uma pontuação por domínio (Limites interpessoais, Ansiedade sexual, Intromissão sexual, Representação de papéis sexuais, Conhecimento sexual, Autoestimulação, Comportamento Voyeurístico e Interesse sexual). Na sequência, os resultados obtidos foram analisados de forma a identificar diferenças na Frequência de Comportamentos sexuais, por domínio, entre os sexos. Para isso, foi utilizado o teste não paramétrico de Brunner-Manzel, para amostras independentes. Este teste se ajusta bem a amostras pequenas e gera menos erros do tipo I, em comparação a testes como t de Student e Mann Whitney (Karch, 2020).

5. CONSIDERAÇÕES ÉTICAS

Submeteu-se a pesquisa ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (CEPH-IP), sendo aprovado conforme número do parecer 4.529.845.

6. RESULTADOS

6.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Para a caracterização da amostra do estudo sobre o comportamento sexual infantil, seu curso de desenvolvimento e as suas configurações normativas, utilizou-se as informações obtidas por meio do Questionário de Pesquisa (APÊNDICE C) e o Critério Brasil (ANEXO A).

Tabela 1 - Distribuição da amostra por grupo

	FREQ	%	% ACUM
GRUPO A	33	54,1	54,1
GRUPO B	28	45,9	100
TOTAL	61	100	

A Tabela 1 apresenta a distribuição das crianças participantes por grupo em uma proporção semelhante; no Grupo A são 33 participantes representando 54,1% da amostra total e o Grupo B 28 participantes, sendo percentil de 45,9%.

Tabela 2 - Distribuição da amostra por sexo

		FREQ	%	% ACUM
Grupo A	Feminino	14	42,43	42,43
	Masculino	19	57,57	100
	Total	33	100	
Grupo B	Feminino	16	57,14	57,14
	Masculino	12	42,48	100
	Total	28	100	

Na distribuição das crianças participantes por sexo (Tabela 2) no Grupo A (escolas privadas) são observadas 14 meninas (42,43%) e 19 meninos (57,57%), já para o Grupo B (escolas públicas) são 16 meninas (57,14%) e 12 meninos (42,48%) participantes.

Tabela 3 – Distribuição das crianças participantes por faixa etária (em anos)

	Idade	Frequência	%	% Acum
Grupo A	2	6	18,18	18,18
	3	4	12,12	30,30
	4	10	30,30	60,60
	5	13	39,39	100,0
	Total	33	100,0	
Grupo B	2	6	21,43	21,43
	3	7	25,0	46,43
	4	7	25,0	71,43
	5	8	28,58	100,0
	Total	28	100,0	

No grupo A temos uma maior frequência de crianças com idades de 4 (30,30%) e 5 anos (39,39). Já no grupo B a amostra apresenta-se mais homogênea em relação a idade, como pode ser observado na Tabela 3. Considerando a amostra total (Grupo A + Grupo B) a média da idade é de $M=3,77$ e $dp=1,13$.

A Tabela 4 traz uma caracterização geral da amostra considerando os participantes do Grupo A e Grupo B. Observa-se que as classes B1 (39,3%) e B2 (36,1%) são predominantes, conforme indicação do Critério Brasil (ABEP,2019). Cinquenta e quatro respondentes (88,5%) se declararam casados. Quanto à escolaridade paterna (42,6%) têm ensino superior; as mães apresentaram valores semelhantes (44,3%) concluíram o ensino superior e 35 (57,4%) se encontram na faixa etária de 35 a 43 anos. Em relação às crianças, 27 (44,3%) tem um período escolar igual ou superior a 8 horas diárias; 28 delas (45,9%) tomam banho junto de seus pais e/ou irmãos e 49 participantes (80,3%) relataram que as crianças convivem com a nudez familiar.

Tabela 4 - Característica geral da amostra (GA+GB)

	n (%)
Quantidade de horas que passa na escola	
4 horas	23 (37,7%)
6 horas	11 (18,0%)
8 horas ou mais	27 (44,3%)
Nível Socioeconômico	
A	9 (14,8%)
B1	24 (39,3%)
B2	22 (36,1%)
C1	5 (8,2%)
C2	1 (1,6%)
Escolaridade da mãe	
Ensino Fundamental	7 (11,5%)
Ensino Superior	27 (44,3%)
Pós - graduação	20 (32,8%)
Outros	7 (11,5%)
Escolaridade do pai	
Ensino Fundamental	10 (16,4%)
Ensino Superior	26 (42,6%)
Pós - graduação	15 (24,6%)
Outros	10 (16,4%)
Pais separados	
Não	54 (88,5%)
Sim	7 (11,5%)
Programação inapropriada	
Não	58 (95,1%)
Sim	3 (4,9%)
Com quem toma banho?	
Sozinho (a)	12 (19,7%)
Às vezes sozinho, às vezes com a família	21 (34,4%)
Pais e/ou irmãos	28 (45,9%)
Nudez Familiar	
Não	12 (19,7%)
Sim	49 (80,3%)
Religião	
Não	7 (11,5%)
Sim	54 (88,5%)
Idade da mãe	
Acima de 44 anos	1 (1,6%)
De 18 a 25 anos	1 (1,6%)
De 26 a 34 anos	24 (39,3%)
De 35 a 43 anos	35 (57,4%)

6.2 Caracterização dos comportamentos sexuais por meio do Inventário CSBI

Para a caracterização da amostra em relação aos comportamentos sexuais infantis relatados utilizou-se as informações obtidas por meio do Inventário CSBI versão traduzida e adaptada para o português (Rossetti & Assumpção-Junior, 2014) (Anexo B).

Tabela 5 - Comportamentos sexuais CSBI por sexo

	Sexo	Sexo
	masculino	feminino
	(n=31)	(n=30)
	n (%)	n (%)
1. Veste-se como o sexo oposto.	1 (3,2%)	2 (6,7%)
2. Fica fisicamente muito próximo das pessoas.	18 (58,1%)	23 (76,7%)
3. Conversa sobre querer ser do sexo oposto	0 (0,0%)	1 (3,3%)
4. Toca ou apalpa os genitais quando está em locais públicos.	5 (16,1%)	4 (13,3%)
5. Masturba-se com a mão.	5 (16,1%)	7 (23,3%)
6. Desenha genitais quando desenha figuras de pessoas.	0 (0,0%)	1 (3,3%)
7. Toca ou apalpa ou tenta tocar os seios de sua mãe ou de outras mulheres.	12 (38,7%)	19 (63,3%)
8. Masturba-se com brinquedos ou objetos (cobertor, travesseiro, brinquedo de plástico).	1 (3,2%)	2 (6,7%)
9. Toca ou apalpa a genitália de outra criança.	1 (3,2%)	2 (6,7%)
10. Tenta ter relações sexuais com outra criança ou adulto.	0 (0,0%)	0 (0,0%)
11. Coloca a boca em genitais de outra criança ou adulto.	1 (3,2%)	0 (0,0%)
12. Toca ou apalpa seus genitais quando está em casa.	19 (61,3%)	16 (53,3%)
13. Toca ou apalpa genitais de adultos.	2 (6,5%)	3 (10,0%)

“continua”

Tabela 5 - Comportamentos sexuais CSBI por sexo

	Sexo	Sexo
	masculino	feminino
	(n=31)	(n=30)
	n(%)	n(%)
14. Toca ou apalpa genitais de animais.	0 (0,0%)	0 (0,0%)
15. Faz sons sexuais (suspiros, gemidos, respiração pesada, etc.).	0 (0,0%)	1 (3,3%)
16. Solicita que se envolvam em atos sexuais com ele ou ela.	0 (0,0%)	0 (0,0%)
17. Esfrega o corpo nas pessoas ou nos móveis.	0 (0,0%)	0 (0,0%)
18. Coloca objetos na vagina ou reto.	1 (3,2%)	1 (3,3%)
19. Tenta olhar pessoas quando estão nuas ou se despindo.	2 (6,5%)	7 (23,3%)
20. Finge que bonecas ou animais de pelúcia tem relações sexuais.	0 (0,0%)	0 (0,0%)
21. Mostra genitais para adultos.	3 (9,7%)	3 (10,0%)
22. Tenta olhar imagens de nudez ou de pessoas parcialmente vestidas.	0 (0,0%)	1 (3,3%)
23. Conversa sobre atos sexuais.	0 (0,0%)	1 (3,3%)
24. Beija adultos que não conhece bem.	2 (6,5%)	3 (10,0%)
25. Fica chateado quando adultos se beijam ou se abraçam.	1 (3,2%)	9 (30,0%)
26. É excessivamente amigável com homens que não conhece bem.	5 (16,1%)	0 (0,0%)
27. Beija outras crianças que não conhece bem.	3 (9,7%)	6 (20,0%)
28. Conversa de forma sedutora.	1 (3,2%)	3 (10,0%)
29. Tenta despir outra criança contra sua vontade (abre calças, camisa, etc.).	0 (0,0%)	0 (0,0%)
30. Quer assistir TV ou filmes que mostrem nudez ou sexo.	1 (3,2%)	1 (3,3%)
31. Quando beija, tenta colocar sua língua na boca da outra pessoa.	3 (9,7%)	0 (0,0%)
32. Abraça adultos que não conhece bem.	3 (9,7%)	4 (13,3%)
33. Mostra genitais para crianças.	1 (3,2%)	1 (3,3%)
34. Tenta despir adultos contra sua vontade (abre calças, camisa, etc.).	0 (0,0%)	1 (3,3%)
35. É muito interessado no sexo oposto.	4 (12,9%)	3 (10,0%)
36. Coloca sua boca nos seios da mãe ou de outras mulheres.	2 (6,5%)	8 (26,7%)
37. Sabe mais sobre sexo do que outras crianças com sua idade.	0 (0,0%)	0 (0,0%)
38. Outros comportamentos	0 (0,0%)	1 (3,3%)

“conclusão”

A Tabela 5 traz a frequência e porcentagem dos comportamentos sexuais observados na amostra total (GA + GB) separados por sexo.

Nas meninas observa-se que os comportamentos relatados com mais frequência são: “Fica fisicamente muito próximo das pessoas” (76,7%), “Toca ou apalpa ou tenta tocar os seios de sua mãe e de outras mulheres” (63,3%), “Toca ou apalpa seus genitais quando está em casa” (53,3%) e “Fica chateado quando adultos se beijam ou se abraçam” (30,0%). Nos meninos, os comportamentos que foram observados com maior frequência foram “Toca ou apalpa seus genitais quando está em casa” (61,3%), “Fica fisicamente muito próximo das pessoas” (58,1%) e “Toca ou apalpa ou tenta tocar os seios de sua mãe e de outras mulheres” (38,7%).

Tabela 6 - Comportamentos Sexuais por idade

	2 anos (n=12)	3 anos (n=11)	4 anos (n=17)	5 anos (n=21)
	n (%)	n (%)	n (%)	n (%)
1. Veste-se como o sexo oposto.	0 (0,0%)	2 (18,2%)	1 (5,9%)	0 (0,0%)
2. Fica fisicamente muito próximo das pessoas.	6 (50,0%)	7 (63,6%)	11 (64,7%)	17 (81,0%)
3. Conversa sobre querer ser do sexo oposto	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (4,8%)
4. Toca ou apalpa os genitais quando está em locais públicos.	1 (8,3%)	2 (18,2%)	4 (23,5%)	2 (9,5%)
5. Masturba-se com a mão.	1 (8,3%)	2 (18,2%)	4 (23,5%)	5 (23,8%)
6. Desenha genitais quando desenha figuras de pessoas.	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (5,9%)	0 (0,0%)
7. Toca ou apalpa ou tenta tocar os seios de sua mãe ou de outras mulheres.	5 (41,7%)	7 (63,6%)	7 (41,2%)	12 (57,1%)
8. Masturba-se com brinquedos ou objetos (cobertor, travesseiro, brinquedo de plástico).	1 (8,3%)	1 (9,1%)	0 (0,0%)	1 (4,8%)
9. Toca ou apalpa a genitália de outra criança.	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (5,9%)	2 (9,5%)
10. Tenta ter relações sexuais com outra criança ou adulto.	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
11. Coloca a boca em genitais de outra criança ou adulto.	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (4,8%)
12. Toca ou apalpa seus genitais quando está em casa.	4 (33,3%)	7 (63,6%)	12 (70,6%)	12 (57,1%)

“continua”

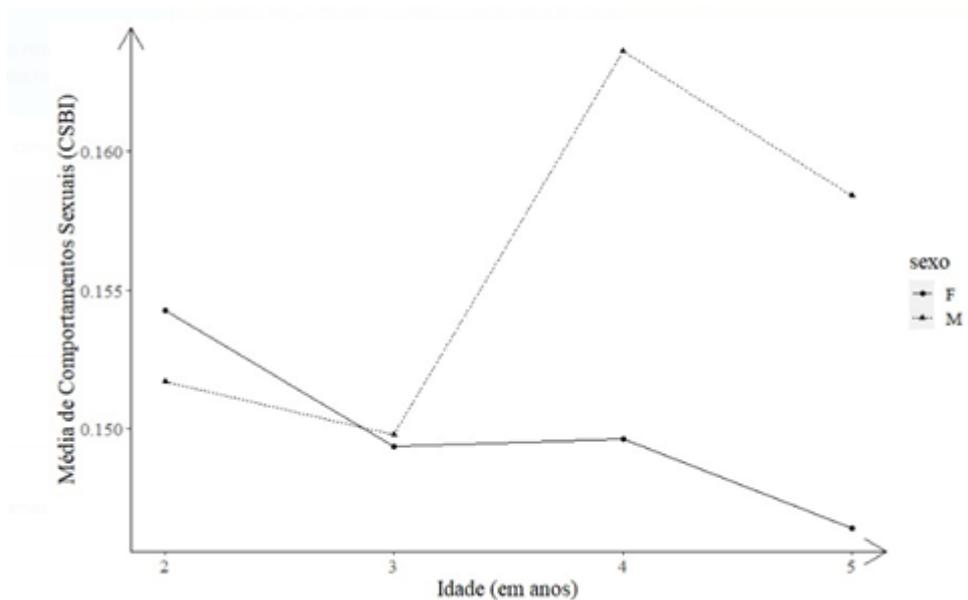
Tabela 6 - Comportamentos Sexuais por idade

	2 anos (n=12)	3 anos (n=11)	4 anos (n=17)	5 anos (n=21)
	n(%)	n(%)	n(%)	n(%)
13. Toca ou apalpa genitais de adultos.	0 (0,0%)	2 (18,2%)	2 (11,8%)	1 (4,8%)
14. Toca ou apalpa genitais de animais.	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
15. Faz sons sexuais (suspiros, gemidos, respiração pesada, etc.).	1 (8,3%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
16. Solicita que se envolvam em atos sexuais com ele ou ela.	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
17. Esfrega o corpo nas pessoas ou nos móveis.	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
18. Coloca objetos na vagina ou reto.	0 (0,0%)	2 (18,2%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
19. Tenta olhar pessoas quando estão nuas ou se despindo.	3 (25,0%)	2 (18,2%)	1 (5,9%)	3 (14,3%)
20. Finge que bonecas ou animais de pelúcia tem relações sexuais.	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
21. Mostra genitais para adultos.	1 (8,3%)	1 (9,1%)	3 (17,6%)	1 (4,8%)
22. Tenta olhar imagens de nudez ou de pessoas parcialmente vestidas.	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (4,8%)
23. Conversa sobre atos sexuais.	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (4,8%)
24. Beija adultos que não conhece bem.	1 (8,3%)	0 (0,0%)	1 (5,9%)	3 (14,3%)
25. Fica chateado quando adultos se beijam ou se abraçam.	1 (8,3%)	1 (9,1%)	4 (23,5%)	4 (19,0%)
26. É excessivamente amigável com homens que não conhece bem.	3 (25,0%)	1 (9,1%)	0 (0,0%)	1 (4,8%)
27. Beija outras crianças que não conhece bem.	2 (16,7%)	1 (9,1%)	3 (17,6%)	3 (14,3%)
28. Conversa de forma sedutora.	2 (16,7%)	1 (9,1%)	1 (5,9%)	0 (0,0%)
29. Tenta despir outra criança contra sua vontade (abre calças, camisa, etc.).	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
30. Quer assistir TV ou filmes que mostrem nudez ou sexo.	0 (0,0%)	0 (0,0%)	1 (5,9%)	1 (4,8%)
31. Quando beija, tenta colocar sua língua na boca da outra pessoa.	2 (16,7%)	0 (0,0%)	1 (5,9%)	0 (0,0%)
32. Abraça adultos que não conhece bem.	2 (16,7%)	1 (9,1%)	1 (5,9%)	3 (14,3%)
33. Mostra genitais para crianças.	1 (8,3%)	0 (0,0%)	1 (5,9%)	0 (0,0%)
34. Tenta despir adultos contra sua vontade (abre calças, camisa, etc.).	0 (0,0%)	1 (9,1%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)
35. É muito interessado no sexo oposto.	0 (0,0%)	2 (18,2%)	2 (11,8%)	3 (14,3%)
36. Coloca sua boca nos seios da mãe ou de outras mulheres.	0 (0,0%)	2 (18,2%)	4 (23,5%)	4 (19,0%)
37. Sabe mais sobre sexo do que outras crianças com sua idade.	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)	0 (0,0%)

“conclusão”

Por meio da Tabela 6 é possível observar a frequência e porcentagem dos comportamentos sexuais por idade. Nota-se que há um aumento dos comportamentos sexuais apresentados conforme a evolução da idade. As crianças com idades entre 4 e 5 anos detêm as maiores porcentagens nos comportamentos “Fica fisicamente muito próximo das pessoas”, “Toca ou apalpa ou tenta tocar os seios da mãe e de outras mulheres” e “Toca ou apalpa os genitais quando está em casa”.

Gráfico 1 - Média comportamentos sexuais CSBI por Idade



A representação do gráfico 1 demonstra a média de comportamentos sexuais por idade dos pré-escolares participantes. Na curva dos meninos observa-se um pico de comportamentos sexuais observados aos 4 anos de idade. Em relação as meninas são observadas um declínio na média dos comportamentos sexuais observados com o avanço da idade.

A Tabela 7 apresenta as frequências e porcentagens dos comportamentos sexuais infantis por tipo de escola. A maior parte dos comportamentos apresentam homogeneidade entre os grupos, somente quatro itens foram mais observados nas crianças das escolas privadas: “Toca ou apalpa genitais quando está em locais públicos” (21,2%), “Masturba-se com as mãos” (27,3%), “Toca ou apalpa ou tenta tocar e apalpar os seios de sua mãe ou de outras mulheres” (60,6%) e “Toca ou apalpa seus genitais quando está em casa” (66,7%); nos mesmos itens a amostra do Grupo B (escola pública) apresentou 7,1% - 10,7% - 39,3% e 46,4%, respectivamente.

Tabela 7 - Comportamentos sexuais por tipo de escola

	Particular (n=33)	Pública (n=28)
1. Veste-se como o sexo oposto.	1 (3,0%)	2 (7,1%)
2. Fica fisicamente muito próximo das pessoas.	20 (60,6%)	21 (75,0%)
3. Conversa sobre querer ser do sexo oposto	1 (3,0%)	0 (0,0%)
4. Toca ou apalpa os genitais quando está em locais públicos.	7 (21,2%)	2 (7,1%)
5. Masturba-se com a mão.	9 (27,3%)	3 (10,7%)
6. Desenha genitais quando desenha figuras de pessoas.	1 (3,0%)	0 (0,0%)
7. Toca ou apalpa ou tenta tocar os seios de sua mãe ou de outras mulheres.	20 (60,6%)	11 (39,3%)
8. Masturba-se com brinquedos ou objetos (cobertor, travesseiro, brinquedo de plástico).	3 (9,1%)	0 (0,0%)
9. Toca ou apalpa a genitália de outra criança.	3 (9,1%)	0 (0,0%)
10. Tenta ter relações sexuais com outra criança ou adulto.	0 (0,0%)	0 (0,0%)
11. Coloca a boca em genitais de outra criança ou adulto.	1 (3,0%)	0 (0,0%)
12. Toca ou apalpa seus genitais quando está em casa.	22 (66,7%)	13 (46,4%)
13. Toca ou apalpa genitais de adultos.	3 (9,1%)	2 (7,1%)
14. Toca ou apalpa genitais de animais.	0 (0,0%)	0 (0,0%)
15. Faz sons sexuais (suspiros, gemidos, respiração pesada, etc.).	0 (0,0%)	1 (3,6%)
16. Solicita que se envolvam em atos sexuais com ele ou ela.	0 (0,0%)	0 (0,0%)
17. Esfrega o corpo nas pessoas ou nos móveis.	0 (0,0%)	0 (0,0%)
18. Coloca objetos na vagina ou reto.	1 (3,0%)	1 (3,6%)
19. Tenta olhar pessoas quando estão nuas ou se despindo.	4 (12,1%)	5 (17,9%)

"continua"

Tabela 7 - Comportamentos sexuais por tipo de escola

	Particular (n=33)	Pública (n=28)
20. Finge que bonecas ou animais de pelúcia tem relações sexuais.	0 (0,0%)	0 (0,0%)
21. Mostra genitais para adultos.	5 (15,2%)	1 (3,6%)
22. Tenta olhar imagens de nudez ou de pessoas parcialmente vestidas.	0 (0,0%)	1 (3,6%)
23. Conversa sobre atos sexuais.	0 (0,0%)	1 (3,6%)
24. Beija adultos que não conhece bem.	4 (12,1%)	1 (3,6%)
25. Fica chateado quando adultos se beijam ou se abraçam.	5 (15,2%)	5 (17,9%)
26. É excessivamente amigável com homens que não conhece bem.	3 (9,1%)	2 (7,1%)
27. Beija outras crianças que não conhece bem.	5 (15,2%)	4 (14,3%)
28. Conversa de forma sedutora.	2 (6,1%)	2 (7,1%)
29. Tenta despir outra criança contra sua vontade (abre calças, camisa, etc.).	0 (0,0%)	0 (0,0%)
30. Quer assistir TV ou filmes que mostrem nudez ou sexo.	1 (3,0%)	1 (3,6%)
31. Quando beija, tenta colocar sua língua na boca da outra pessoa.	2 (6,1%)	1 (3,6%)
32. Abraça adultos que não conhece bem.	4 (12,1%)	3 (10,7%)
33. Mostra genitais para crianças.	2 (6,1%)	0 (0,0%)
34. Tenta despir adultos contra sua vontade (abre calças, camisa, etc.).	1 (3,0%)	0 (0,0%)
35. É muito interessado no sexo oposto.	4 (12,1%)	3 (10,7%)
36. Coloca sua boca nos seios da mãe ou de outras mulheres.	6 (18,2%)	4 (14,3%)
37. Sabe mais sobre sexo do que outras crianças com sua idade.	0 (0,0%)	0 (0,0%)

“conclusão”

Tabela 8 - Diferenças dos comportamentos sexuais por domínio e sexo

	Sexo masculino (n=31)		Sexo feminino (n=30)		Teste Brunner Manzel		IC 95%	
	M	Med	M	Med	valor t	valor p		
Limites interpessoais	2,55	2	3,4	3	-2,48	0,01*	0,18	0,46
Exibicionismo	0,13	0	0,13	0	-0,38	0,69	0,4	0,56
Representação de papéis sexuais	0,1	0	0,2	0	-1,01	0,31	0,4	0,53
Autoestimulação	1,48	1	1,4	1	0,2	0,83	0,37	0,65
Ansiedade sexual	0,03	0	0,4	0	-2,97	0,00*	0,27	0,45
Interesse sexual	0,19	0	0,33	0	-0,73	0,46	0,35	0,56
Intromissão sexual	0,45	0	0,4	0	-0,35	0,72	0,36	0,59
Conhecimento sexual	0,19	0	0,23	0	1,25	0,21	0,34	0,53
Comportamento Voyeurístico	0,13	0	0,43	0	-1,47	0,14	0,33	0,52

A Tabela 8 apresenta as diferenças dos comportamentos sexuais por domínios do CSBI. Observa-se evidências de diferenças entre meninos e meninas para os limites interpessoais (dificuldades relacionadas à manutenção do distanciamento interpessoal) e para ansiedade sexual (aumento de ansiedade e angústia ao presenciar a sexualidade adulta) o limite de corte para o $p > .05$.

A Tabela 9 traz a caracterização clínica e de subescalas da amostra. Na subescala “Comportamento sexual relacionado ao desenvolvimento” (*Developmentally Related Sexual Behavior - DRSB*) que reflete o nível de comportamento sexual apropriado para a idade e gênero (Friedrich, 1997) nota-se evidência de diferença entre meninos e meninas.

Tabela 9 - Caracterização Clínica e Subescalas

	Sexo masculino (n=31)		Sexo feminino (n=30)		Total (n=61)	x ²
	n (%)	Res Ajus	n (%)	Res Ajus		
Total						
Não clínico	26 (83,9%)	0,32	22 (73,3%)	-0,33	48 (78,7%)	x ² (NA) = 1,05, p = 0,54
Sugestivo de dificuldade	1 (3,2%)	-0,42	2 (6,7%)	0,43	3 (4,9%)	
Clínico	4 (12,9%)	-0,47	6 (20,0%)	0,48	10 (16,4%)	
SASI						
Não clínico	27 (87,1%)	0,31	23 (76,7%)	-0,32	50 (82,0%)	x ² (NA) = 1,45, p = 0,51
Sugestivo de dificuldade	1 (3,2%)	-0,72	3 (10,0%)	0,73	4 (6,6%)	
Clínico	3 (9,7%)	-0,29	4 (13,3%)	0,3	7 (11,5%)	
DSRB						
Não clínico	26 (83,9%)	1,4	13 (43,3%)	-1,4	39 (63,9%)	x ² (NA) = 10,86, p < 0,00
Sugestivo de dificuldade	2 (6,5%)	-1,2	7 (23,3%)	1,2	9 (14,8%)	
Clínico	3 (9,7%)	-1,4	10 (33,3%)	1,4	13 (21,3%)	

A Tabela 10 traz a caracterização por hábitos familiares dos participantes. Os comportamentos de hábitos familiares - nudez familiar, hábitos de banho, número de horas na escola e tipo de programação assistida - foram coletados por meio do questionário de pesquisa. Observa-se evidência quanto ao número de horas que a criança passa na escola e os comportamentos sexuais infantis.

Tabela 10 - Caracterização por hábitos familiares

	NC (N=48)		SDC (N=3)		C (N=10)		χ^2
	n (%)	Res Ajus.	n (%)	Res Ajus.	n (%)	Res Ajus.	
Sexo							
Masculino	26 (54,2%)	0,32	1 (33,3%)	-0,42	4 (40,0%)	-0,47	χ^2 (NA) = 1,05, p = 0,53
Feminino	22 (45,8%)	-0,33	2 (66,7%)	0,43	6 (60,0%)	0,48	
Quantidade de horas que passa na escola							
4 horas	20 (41,7%)	0,44	0 (0,0%)	-1,06	3 (30,0%)	-0,39	χ^2 (NA) = 8,91, p = 0,05
6 horas	11 (22,9%)	0,79	0 (0,0%)	-0,73	0 (0,0%)	-1,34	
8 horas	17 (35,4%)	-0,92	3 (100,0%)	1,45	7 (70,0%)	1,22	
Programação inapropriada							
Não	45 (93,8%)	-0,09	3 (100,0%)	0,08	10 (100,0%)	0,15	χ^2 (NA) = 0,85, p = 0,69
Sim	3 (6,2%)	0,41	0 (0,0%)	-0,38	0 (0,0%)	-0,7	
Com quem toma banho?							
Sozinho (a)	12 (25%)	0,83	0 (0,0%)	-0,76	0 (0,0%)	-1,4	χ^2 (NA) = 4,46, p = 0,38
Às vezes sozinho, às vezes	15 (31,2%)	-0,37	1 (33,3%)	-0,03	5 (50%)	0,83	
Pais e/ou irmãos	21 (43,8%)	0,83	2 (66,7%)	-0,76	5 (50%)	-1,4	
Nudez Familiar							
Não	12 (25%)	0,83	0 (0,0%)	-0,76	0 (0,0%)	-1,4	χ^2 (NA) = 4,04, p = 0,14
Sim	36 (75%)	-0,41	3 (100%)	0,38	10 (100%)	0,69	
Pais separados							
Não	42 (87,5%)	-0,07	2 (66,7%)	-0,41	10 (100,0%)	0,38	χ^2 (NA) = 2,76, p = 1,19
Sim	6 (12,5%)	0,21	1 (33,3%)	1,11	0 (0,0%)	-1,07	
Religião							
Não	5 (10,4%)	-0,21	0 (0,0%)	-0,58	2 (20,0%)	0,79	χ^2 (NA) = 1,15, p = 0,72
Sim	43 (89,6%)	0,07	3 (100,0%)	0,21	8 (80,0%)	-0,28	
Escolaridade da mãe							
Ensino Fundamental	7 (14,6%)	0,63	0 (0,0%)	-0,58	0 (0,0%)	-1,07	χ^2 (NA) = 6,38, p = 0,34
Ensino Superior	21 (43,8%)	-0,05	1 (33,3%)	-0,28	5 (50,0%)	0,27	
Outros	7 (14,6%)	0,63	0 (0,0%)	-0,58	0 (0,0%)	-1,07	
Pós-graduação	13 (27,1%)	-0,69	2 (66,7%)	1,02	5 (50,0%)	0,95	
Idade da mãe							
Acima de 44 anos	0 (0,0%)	-0,88	0 (0,0%)	-0,22	1 (10,0%)	2,06	χ^2 (NA) = 7,54, p = 0,23
De 18 a 25 anos	1 (2,1%)	0,24	0 (0,0%)	-0,22	0 (0,0%)	-0,4	
De 26 a 34 anos	20 (41,7%)	0,25	2 (66,7%)	0,75	2 (20,0%)	-0,97	
De 35 a 43 anos	27 (56,2%)	-0,1	1 (33,3%)	-0,54	7 (70,0%)	0,52	

7. DISCUSSÃO

O presente trabalho teve como objetivo principal investigar se há um padrão normativo de comportamentos sexuais infantis específicos independentemente do nível socioeconômico e sua frequência de ocorrência observados por pais de pré-escolares e analisar o efeito das variáveis de sexo, idade e hábitos familiares. Para tanto, foi utilizado o inventário CSBI (Friedrich, 1997) adaptado para a população brasileira (Rossetti & Assumpção-Junior, 2014). Os dados obtidos com a amostra do presente estudo sugerem que alguns comportamentos sexuais como “Fica fisicamente muito próximo das pessoas”, “Toca ou apalpa os genitais quando está em locais públicos”, “Masturba-se com a mão”, “Toca ou apalpa ou tenta tocar os seios de sua mãe ou de outras mulheres” e “Toca ou apalpa seus genitais quando está em casa”, são bastante frequentes e comuns dentre meninos e meninas de dois a cinco anos e onze meses.

Constata-se também que, apesar dos pais relatarem que as crianças apresentam variados comportamentos sexuais, tais como “Conversa sobre querer ser do sexo oposto”, “Desenha genitais quando desenha figuras de pessoas”, “Coloca a boca em genitais de outra criança ou adulto” e “Tenta despistar adultos contra sua vontade (abre calças, camisa, etc.)”, eles apontaram com baixa frequência ($\leq 3\%$), ou nem apontaram como “Tenta ter relações sexuais com outra criança ou adulto”, “Toca ou apalpa genitais de animais”, “Solicita que se envolvam em atos sexuais com ele ou ela”, “Esfrega o corpo nas pessoas ou nos móveis”, “Finge que bonecas ou animais de pelúcia tem relações sexuais”, “Tenta despistar outra criança contra sua vontade (abre calças, camisa, etc.)” e “Sabe mais sobre sexo do que outras crianças com sua idade”.

Em relação a comparação entre os grupos da amostra do presente estudo a maior parte dos comportamentos apresentam homogeneidade, somente os itens “Toca ou apalpa genitais quando está em locais públicos”, “Masturba-se com as mãos”, “Toca ou apalpa ou tenta tocar e apalpar os seios de sua mãe ou de outras mulheres” e “Toca ou apalpa seus genitais quando está em casa” (66,7%) foram mais observados nas crianças das escolas privadas; essa diferença entre os grupos pode estar relacionada com o maior número de horas na escola e maior número de anos de estudo formal materno, como apontado nos estudos internacionais (Friedrich et al., 1998).

Os comportamentos sexuais de maior frequência da amostra brasileira são similares ao estudo internacional com crianças americanas (Friedrich et al.,1998), exceto pelo comportamento “Tenta olhar pessoas quando estão nuas ou se despindo”, que é comum entre as crianças americanas e não apareceu no relato dos pais das crianças brasileiras. Em contraste, a amostra do presente estudo tem maior frequência no comportamento de “masturbar-se com a mão” diferente do estudo americano. Apesar da amostra do presente estudo ser menor em relação à pesquisa internacional (Friedrich et al.,1998) (N=287), observa-se similaridade nos comportamentos sexuais mais frequentes. Em suma, pela perspectiva do desenvolvimento sexual, crianças brasileiras, independentemente do nível socioeconômico se assemelham as americanas.

Em relação aos comportamentos sexuais apontados nos meninos e meninas da amostra deste estudo, observa-se uma queda da frequência dos mesmos conforme o aumento da idade para as meninas, dado consistente com o estudo americano (Friedrich et al.,1998); já para os meninos brasileiros há um pico de comportamentos aos 4 anos de idade, seguido de um declínio aos 5 anos. Uma possibilidade para maior ocorrência de comportamentos sexuais observados nos meninos seja a natureza anatômica do pênis que é exposto (Friedrich et al.,2001).

Dentre as meninas foi encontrada diferença em relação a dois domínios, sendo eles, limites interpessoais ($p=0,01$) e ansiedade sexual ($p=0,00$), dados semelhantes a um estudo internacional (Kenny & Wurtele,2013) com meninas latinas que apresentaram maior frequência no item “Fica fisicamente muito próximo das pessoas”.

Essas diferenças podem ser compreendidas por condições socioculturais; a forma como meninos e meninas são reforçados quanto ao comportamento sexual é distinta, assim a frequência de ocorrência pode ser alterada bem como a percepção dos informantes. Além do mais, as meninas desde muito pequenas são expostas a dualidade da atribuição do feminino - emotiva, maternal e que expressa a sua afetividade - em contraste com o papel de ícone sexual (Paoli, 1985).

Somado a isto é importante considerar que a amostra deste estudo se encontra na moral heterônoma com orientação para a punição e obediência, desta forma a moralidade é definida pelas consequências, se há punição está errado e se não há punição está correto (Kohlberg, 1966); neste sentido, se a menina por questões socioculturais é punida quando emite comportamentos sexuais a ansiedade sexual é

justificada, como também um menor limite interpessoal já que as meninas são reforçadas na aproximação e expressão da afetividade e cuidado.

Outro aspecto relevante observado nesta amostra semelhante aos estudos internacionais (Friedrich et al, 1998; Friedrich et al. 1991; Larsson & Friedrich, 2000; Schoentjes, Deboutte & Friedrich, 1999; Thigpen, Pinkston & Mayefsky, 2003) é a diminuição dos comportamentos sexuais conforme o avanço da idade. Nos pré-escolares do presente estudo observa-se uma diferença para menos na frequência de comportamentos entre as crianças mais velhas, esse aspecto tem sido explicado por meio do amadurecimento cognitivo. Os conceitos da sexualidade infantil são o resultado da estruturação ativa da experiência da criança e, assim como as organizações cognitivas alteram com a progressão da idade, as cognições sexuais também (Kohlberg, 1966).

Para Rutter (1971) as crianças mais velhas, diferentemente das menores já são capazes de omitir seus comportamentos sexuais de pais, professores ou cuidadores, mas a manifestação dos comportamentos permanece a mesma.

Além de verificar a frequência dos comportamentos sexuais infantis, o presente estudo se dispôs a aferir se estes estavam relacionados aos hábitos familiares, como vêm sendo referidos em outros estudos (Friedrich et al, 1998; Friedrich et al.,2001; Friedrich et al. 1991). As correlações positivas moderadas encontradas no presente estudo entre os comportamentos sexuais e maior número de horas na escola indicam que os pais que reportaram mais comportamentos sexuais também indicaram que seus filhos passam mais tempo no ambiente escolar. Esse liame pode ser compreendido pelo maior tempo em que as crianças são socializadas com seus pares, nesta interação não só estarão expostas a comportamentos diversos a serem aprendidos, como também os sexuais, vindos de outros hábitos familiares e propiciando a investigação e descobertas (Friedrich et al, 1998).

Os resultados do presente estudo apontam que os comportamentos mais frequentes encontrados nesta amostra vão ao encontro das pesquisas internacionais (Friedrich et al, 1998; Friedrich et al. 1991) como também com amostra de crianças brasileiras (Rocha et al.,2018) compreendendo-se que são correntemente observados durante o desenvolvimento infantil.

Dessa forma, conhecer os comportamentos sexuais infantis pertinentes ao processo de desenvolvimento no contexto sociocultural é de fundamental importância para normatizar algumas condutas infantis, como também para que pais e

profissionais que atuam com crianças e a sociedade estejam preparados para observar e intervir em comportamentos inusuais do ponto de vista do desenvolvimento infantil.

É fundamental que novas pesquisas sejam realizadas levantando dados sobre os comportamentos sexuais infantis mesmo com as dificuldades enfrentadas pela própria natureza da pesquisa, em que é dificultoso por crenças sociais falar a respeito da sexualidade infantil (Sullivan,2003), como também por questões metodológicas, pesquisas diretas são escassas o usual são os inventários tendo os pais como informantes o que pode implicar em indisponibilidade de tempo em observar os filhos, como também a não compreensão que alguns comportamentos são de natureza sexual por entender a criança de forma assexuada.

Além dos dados terem sido adquiridos somente com um informante, outras limitações estão presentes neste estudo. Trata-se de um estudo transversal, com amostra pequena e de conveniência, que utilizou os pais como únicos informantes inclusive para verificação de histórico de abuso sexual. Novos estudos podem investir em um maior número de participantes e múltiplos informantes, como pais e professores buscando melhor compreensão dos comportamentos sexuais infantis normativos esperados no processo de desenvolvimento.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo geral investigar se há um padrão normativo de comportamentos sexuais infantis específicos independentemente do nível socioeconômico e sua frequência de ocorrência observados por pais de pré-escolares e analisar o efeito das variáveis de sexo, idade e hábitos familiares na emissão dos comportamentos.

Com relação a validação empírica o estudo apontou evidência da presença e frequência de comportamentos sexuais na amostra brasileira independentemente do nível socioeconômico e grupos (AxB) similares aos estudos internacionais, desta forma, depreende-se que os comportamentos encontrados nos diferentes estudos sejam característicos da fase de desenvolvimento da população estudada.

O padrão de relação inversa também é observado; assim, uma maior frequência de comportamentos sexuais específicos é encontrada em crianças menores e há um declínio das condutas sexuais com o avanço da idade. Tal evidência é similar a estudos internacionais realizados e entende-se que a diminuição dos comportamentos esteja vinculada concomitantemente ao avanço cognitivo e moral e com a melhor habilidade das crianças em omitir tais comportamentos.

Outro fator desta amostra que vai ao encontro de um estudo internacional com meninas latinas são as pré-escolares brasileiras apresentaram maior frequência em dois domínios do inventário CSBI, sendo eles: limites interpessoais e a ansiedade sexual. Compreende-se essas diferenças como manifestações socioculturais e a forma como as meninas são reforçadas e/ou punidas em seus comportamentos sexuais, bem como expressão de afeto, cuidado e carinho.

Corroborando aos estudos internacionais os pais da amostra do presente estudo relataram maior frequência de comportamentos sexuais em crianças que permanecem maior tempo em ambiente escolar (passar tempo igual ou superior a 8 horas/ diárias na escola). Entende-se que o intercâmbio entre hábitos familiares é maior em crianças em maior convivência escolar propiciando as trocas e descobertas.

Cabe ressaltar a importância e relevância do tema abordado e a necessidade de estudos futuros com maior amostra, como também a inclusão de mais informantes sobre o comportamento sexual infantil observado.

Referências Bibliográficas

ABEP - Associação Brasileira de Empresas de Pesquisa. (2019). Critério de classificação econômica Brasil. Recuperado de <http://www.abep.org/criterio-brasil>.

Achenbach, T. M. (1991). Integrative guide for the CBCL/4-18, YSR, and TRF profiles. Burlington, Vermont: University of Vermont.

Assumpção-Junior, F.B.; Kuczynski, E. (2012). Tratado de psiquiatria da infância e da adolescência. 2.ed. São Paulo: Editora Atheneu.

Assumpção-Junior, F.B; Sprovieri, M.H.S. (2005). Deficiência mental: sexualidade e família. 1.ed. São Paulo: Manole.

Bataglia, P.U.R; Moraes, A; Lepre, R.M. (2010). A teoria de Kohlberg sobre o desenvolvimento do raciocínio moral e os instrumentos de avaliação de juízo e competência moral em uso no Brasil. *Estudos de Psicologia*, 15(1), 25-32.

Biaggio, Angela M. Brasil (2002). Lawrence Kohlberg: ética e educação moral. 1.ed.São Paulo: Moderna.

Biaggio, Angela M. Brasil (2003). Psicologia do desenvolvimento. 17.ed. Petrópolis: Vozes.

Browne, A., Finkelhor, D. (1986). Impact of child sexual abuse: a review of the research. *Psychological Bulletin*, Vol. 99. N. 1, 66-77.

Constantine, L. L.; Martinson, F. M. (1984). Sexualidade infantil – novos conceitos, novas perspectivas. São Paulo: Roca.

Duska, Ronald; Whelan, Mariellen. (1975). Moral development: a guide to Piaget and Kohlberg. New York: Paulist Press.

Faccioli, Ana Maria Camargo; Ribeiro, Claudia. (1999). Sexualidade (s) e infância (s): a sexualidade como tema transversal. São Paulo: Moderna.

Fisher, W.A.; White, L.A.; Byrne, D.; Kelley, K. (1988). Erotophobia-erotophilia as a dimension of personality, *Journal of Sex Research*, 25:1, 123-151.

Friedrich, W. N. (1997). *Child Sexual Behavior Inventory professional manual*. Lutz, FL: Psychological Assessment Resources, Inc.

Friedrich, W.N. (2003). Studies of sexuality of nonabused children. In J. Bancroft (Org.), *Sexual development in childhood* (pp. 107-120). Indiana University Press: Bloomington.

Friedrich, W. N.; Fisher, J.; Broughton, D.; Houston, M; Shafran, C. (1998). Normative sexual behavior in children: a contemporary sample. *Pediatrics*, 101, n.4.

Friedrich, W. N.; Fisher, J.; Dittner, C.; Acton, R.; Berliner, L.; Butler, J.; Damon, L.; Davies, W.; Gray, A., & Wright, J. (2001). Child sexual behavior inventory: normative, psychiatric, and sexual abuse comparisons. *Child Maltreat*, 6: 37.

Friedrich, W. N.; Grambsch, P.; Broughton, D.; Kuiper, J.; Beilke, R.L.; (1991). Normative sexual behavior in children. *Pediatrics*; 88:456–464.

Friedrich, W. N; Grambsch, Patricia. (1992). Child sexual behavior inventory: normative and clinical comparisons. *Psychological Assessment*, vol.4, n.3, 303-311.

Friedrich, W. N., Urquiza, A. J., & Beilke, R. L. (1986). Behavior problems in sexually abused young children. *Journal of Pediatric Psychology*, 11, 47-57.

Gadpaille, W. J. (1984). Atrasos do desenvolvimento psicosexual normal. In Constantine, L.L.; Martinson, F.M. *Sexualidade infantil - novos conceitos, novas perspectivas*. São Paulo: Roca.

Gordon, B. N., Schroeder, C.S., & Abrams, M.J. (1990). Age and social-class differences in children`s knowledge of sexuality. *Journal of clinical child psychology*, 19:1, 33-43.

Gordon, B. N. & Schroeder, C.S. (1995). *Sexuality: a developmental approach to problems*. New York: Plenum Press.

Heiman, M. L., Leiblum, S., Esquilin, S. C., & Pallitto, L. M. (1998). A comparative survey of beliefs about "normal" childhood sexual behavior. *Child abuse & neglect*, 22, 289-304.

Kaeser, F., DiSalvo, C., & Ron Moglia, E. (2000). Sexual behaviors of young children that occur in schools. *Journal of sex education and therapy*, 25:4, 277-285.

Karch, J. (2020). Psychologists Should Use Brunner-munzel's Instead of Mann-whitney's U Test as the Default Nonparametric Procedure.

Kendall-Tackett, K. A., Williams, L. M., & Finkelhor, D. (1993). *Psychological Bulletin*, Vol. 113, N. 1, 164-180.

Kenny, M.; & Wurtele, S. K. (2013). Child sexual behavior inventory: a comparison between latino and normative samples of preschoolers. *Journal of Sex Research*, 50:5, 449-457.

Klein, M., & Gordon, S. (1991). Sex education. In C. E. Walker & M. M. Roberts (Eds.), *Handbook of clinical child psychology*, rev. ed. (pp. 933-949). New York: Wiley.

Kohlberg, L. (1966). A cognitive developmental analysis of children's sex-role concepts and attitudes. In E. Maccoby (Org.), *The development of sex differences*. (pp. 83-166). Stanford University Press.

Kohlberg, L. (1992). *Psicología del desarrollo moral*. Spain: Desclée de Brouwer.

Lamb, S., & Coakley, M. (1993). "Normal" childhood sexual play and games: differentiating play from abuse. *Child abused & neglect*, vol.17, n.4, 515-526.

Larsson, I., & Svedin, C. G. (2002). Teachers' and parents' reports on 3- to 6-year-old children's sexual behavior - a comparison. *Child Abuse & Neglect*, 26, 247-266.

Larsson, I., Svedin, C.G., & Friedrich, W. N. (2000). Differences and similarities in sexual behaviour among pre-schoolers in Sweden and USA. *Nord J Psychiatry*; 54:251–257. Oslo.

Lindblad, F., Gustafsson, P.A., Larsson, I., & Ludin, B. (1995). Preschoolers sexual behavior at daycare centers: an epidemiological study. *Child abused & neglect*, vol. 19, n.5, p. 569-577.

Paoli, M.C. (1985). Mulheres: lugar, imagem, movimento. In: Várias Autoras. *Perspectivas Antropológicas da Mulher*, nº 4, Rio de Janeiro: Zahar.

Piaget, Jean. (1994). O juízo moral na criança. Tradução: Elzon Lenardon. São Paulo: Summus.

Phipps-Yonas, S., Yonas, A., Turner, M. & Kamper, M. (1993). Sexuality in early childhood: the observations and opinions of family daycare providers. *Cura Reporter*, 23,1-5.

Robinson, K. (2005). Childhood and sexuality: Adult constructions and silenced children. In J.Mason & T. Fattore (Eds.), *Children taken seriously: In theory, policy and practice* (pp. 66–76). London: Jessica Kingsley.

Rocha, M. M, Monteiro, C. T., Ulian, A. L. A. O., & Silveiras, E. F. M. (2018). Comportamentos sexuais na infância e associação com problemas de comportamento. *Saúde e Pesquisa*, vol.11, n.1, p. 69-79.

Rossetti, M.O. & Assumpção-Junior, F. B. (2014). Inventário de comportamentos sexuais da criança: adaptação brasileira e análise de evidências de validade. *Bol. Acad. Paulista de Psicologia*, 34(86):208-31.

Rutter, Michael. (1971). Normal Psychosexual Development. *Journal Child Psychol. Psychiatry.*, 11, 259-283.

Sandfort, T., & Cohen-Kettens, P. T. (2000). Sexual behavior in Dutch and Belgian children as observed by their mothers. *Journal of Psychology & Human Sexuality*, 12, 105-116.

Schoentjes, E., Deboutte, D., & W. Friedrich. (1999). Child sexual behavior inventory: a dutch-speaking normative sample. *Pediatrics*, v.104, n.4, 885-893.

Sharpe, D. (2015). Chi-square test is statistically significant: Now what? *Practical Assessment, Research, and Evaluation*, 20(1), 8.

Silvares, E.F.M. (2002). Orientação sexual da criança. Em M.Z.S. Brandão, F.C.S. Conte & S.M.B Mezzaroba (orgs). *Comportamento humano: tudo (ou quase tudo) que você gostaria de saber para viver melhor*. Santo André. Esetec.

Sterns, Peter N. (2010). *História da sexualidade*. Tradução: Renato Marques. São Paulo: Contexto.

Sullivan, L. F. (2003). Methodological issues associated with studies of child sexual behavior. In J. Bancroft (Org.), *Sexual development in childhood* (pp. 23-33). Indiana University Press: Bloomington.

Thigpen, J. W., Pinkston, E.M., & Mayefsky, J. H. (2003). Normative sexual behavior of African American children. Bancroft (Org.), *Sexual development in childhood* (pp. 241-254). Indiana University Press: Bloomington.

Turhan, N. S. (2020). Karl Pearson's Chi-Square Tests. *Educational Research and Reviews*, 16(9), 575-580.

Turiel, E. (2008). The Development of morality. In Damon,W.,Lerner,R.M. *Child and adolescent development an advanced course* (pp.473-508). John wiley & sons, inc. Hoboken, New Jersey.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa Comportamento sexual infantil: desenvolvimento e configurações normativas, que está vinculada ao Programa de Pós- Graduação do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, com a supervisão do Dr. Francisco Baptista Assumpção Junior, sendo a psicóloga Rafaela Zago Ottati, a responsável pelo estudo que tem como principal objetivo investigar se há um padrão normativo de comportamentos sexuais infantis específicos, independentemente do nível socioeconômico e sua frequência de ocorrência em crianças pré-escolares (2 – 5 anos e 11 meses) sem história e/ou suspeita de abuso sexual, e que não apresentem deficiência intelectual e/ou física e que estejam matriculadas no ensino infantil. Para isso, entrevistaremos mães/pais ou a responsáveis legais de crianças, bem como os professores das mesmas. O grupo A será composto por pais/responsáveis de 30 crianças com idades entre 2 a 5 anos e 11 meses matriculados no ensino infantil em escola privada. O grupo B será composto por pais/responsáveis de 30 crianças com idades entre 2 a 5 anos e 11 meses matriculados no ensino infantil em escola pública e/ou centros de educação infantil sem fins lucrativos.

Para tanto é necessário que o responsável responda: a) algumas questões socioeconômicas e sobre hábitos da criança e de seus familiares; b) um questionário chamado Inventário de Comportamentos Sexuais da Criança (CSBI).

Aos professores será encaminhado via agenda do aluno, de forma impressa o questionário Inventário de Comportamentos Sexuais da Criança (CSBI).

Os dados obtidos por meio destes instrumentos serão mantidos em sigilo e acessados somente pelo grupo de pesquisadores responsáveis pelo estudo. Os riscos deste estudo são mínimos, mas pode ocorrer um desconforto quanto ao tempo dispendido para responder aos questionários. Pensando em minimizar este efeito, o voluntário pode pausar as respostas e retomar quando sentir-se mais confortável, as respostas ficarão salvas de onde parou, mas sob sigilo. Também é assegurado ao voluntário recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. É garantido ao participante voluntário o ressarcimento das despesas tidas na participação da pesquisa ou dela decorrentes.

Ao participante voluntário também é resguardado o direito a buscar indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa. O benefício será a contribuição pessoal para o desenvolvimento de um estudo científico que pode beneficiar profissionais de saúde e educação que atuam com crianças nesta faixa etária, bem como atualização dos dados científicos.

Eu,___(nome do responsável pela criança) fui informado (a) dos objetivos especificados acima, de forma clara e detalhada. Recebi informações específicas sobre o procedimento no qual estarei envolvida, do desconforto previsto, tanto quanto do benefício esperado. Todas as minhas dúvidas foram respondidas com clareza e sei que poderei solicitar novos esclarecimentos a qualquer momento através dos canais

(11) 98959-4846 e rzottati@gmail.com.

Para esclarecimentos quanto à Ética em Pesquisa, também me foi fornecido (abaixo) o contato do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPH – IPUSP): Av. Prof. Mello Moraes, 1.721, Bloco G, 2º Andar, sala 27. Cidade Universitária – São Paulo-SP. Telefone: (11)3091-4182.

Sei que novas informações obtidas durante o estudo me serão fornecidas e que terei liberdade de retirar meu consentimento de participação na pesquisa em face dessas informações. Fui certificada de que as informações que fornecerei terão caráter confidencial.

Declaro que recebi uma via do presente termo de consentimento livre e esclarecido.

Nome da Criança:.....
 Doc. de Identidade:..... Data de Nascimento:/...../..... Sexo: M() F ()
 Nome do Responsável:.....
 Natureza (grau de parentesco, tutor, cuidador, etc):.....
 Doc. de Identidade:.....Data de Nascimento:/...../.....
 Endereço:.....No°:..... Apt.:.....
 CEP:.....Cidade:.....UF:.....Telefone: (.....).....
 Email:..... Data:...../...../.....

 Assinatura da Responsável

 Assinatura da Pesquisador

APÊNDICE B - DECLARAÇÃO DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL

Ao Comitê de Ética em Pesquisa CEPH - IPUSP

Eu, RAFAELA ZAGO OTTATI, responsável pela pesquisa que se intitula "Comportamento sexual infantil: desenvolvimento e configurações normativas ", declaro que:

- Assumo o compromisso de cumprir os Termos da Resolução nº 466/2012 e/ou 510/16 (adequar aos procedimentos metodológicos da pesquisa) do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde e demais resoluções complementares à mesma;
- Assumo o compromisso de zelar pela privacidade e pelo sigilo das informações, que serão obtidas e utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa, e o devido respeito à dignidade humana;
- Assumo o compromisso de que os benefícios resultantes do projeto retornem aos participantes da pesquisa;
- Comprometo-me em iniciar a pesquisa e a coleta de dados somente após a mesma ser aprovada pelo CEPH – IPUSP;
- Comprometo-me em anexar à Plataforma Brasil os resultados da pesquisa;

São Paulo, 09 de dezembro de 2020

Rafaela Zago Ottati
CPF:350.141.368-85
Pesquisadora Responsável

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO DE PESQUISA

IDENTIFICAÇÃO

Nome da Criança _____ Idade _____ DN: ____/____/____

Está matriculado no ensino infantil? SIM () Não ()

A escola é PARTICULAR() PÚBLICA()

Quantas horas a criança fica na escola? 04 horas () 06 horas () 08 horas ou mais()

Nome do responsável _____ Grau de parentesco _____

DADOS FAMILIARES

Informe o estado civil dos pais:

Pai: Solteiro () Casado() Separado() Divorciado() Viúvo() Ignorado()

Mãe: Solteira () Casada() Separada() Divorciada() Viúva() Ignorado()

Com quem mora a criança? PREENCHER TODOS OS PARENTES COM QUEM A CRIANÇA MORA.

() Pai Idade: _____ Ocupação: _____ Religião: _____ Escolaridade: analfabeto() 1º grau() 2º grau() 3º grau()

() Mãe Idade: _____ Ocupação: _____ Religião: _____ Escolaridade: analfabeto() 1º grau() 2º grau() 3º grau() () Madrasta/Padrasto Idade: _____

Ocupação: _____ Religião: _____ Escolaridade: analfabeto() 1º grau() 2º grau() 3º grau()

() Irmãos: Quantos? _____ Idade: _____ Sexo: _____ Escolaridade: analfabeto() 1º grau() 2º grau() 3º grau() Idade: _____ Sexo: _____ Escolaridade: analfabeto() 1º grau()

2º grau() 3º grau() Idade: _____ Sexo: _____ Escolaridade: analfabeto() 1º grau() 2º grau() 3º grau()

() Avô/Avó Idade: _____ Ocupação: _____

() Outros: _____ (Especifique)

HÁBITOS DA CRIANÇA

Onde a criança dorme? No quarto dos pais () No próprio quarto () Outros () _____

Com quem a criança toma banho? Pais () Irmãos () Sozinha () Outros () _____

Quantas horas por dia a criança brinca? 1 a 3 () 4 a 6 () 6 a 10 () mais ()

Com quem ela brinca? Irmãos () amigos () desconhecidos () adultos ()

Quantas horas por dia a criança assiste televisão? 0 () 1 a 3 () 4 a 6 () 6 a 10 () mais ()

Qual a programação? Desenhos animados () filmes indicados para a idade () outros ()

programas de auditório () filmes não indicados para a idade ()

Quantas horas por dia a criança faz uso internet? 0 () 1 a 2 () 3 a 4 () 4 a 6 () mais ()

Qual a finalidade?

Jogos () pesquisa da escola () outros () _____ ignorado () YouTube () _____

SAÚDE

A criança tem algum problema de saúde? Sim () Não () Qual? _____

Faz uso de medicações? Sim () Não () Quais? _____

Faz algum tipo de tratamento? Sim () Não () Quais? _____

APÊNDICE D - AUTORIZAÇÃO DE USO DO INVENTÁRIO CSBI - VERSÃO TRADUZIDA E ADAPTADA PARA O PORTUGUÊS CSBI (Rossetti & Assumpção-Junior, 2014¹).

Eu, Rafaela Zago Ottati, psicóloga e aluna do Programa de Pós Graduação do Instituto de Psicologia da USP, sob supervisão do Professor Doutor Francisco Baptista Assumpção Junior, venho por meio deste, solicitar a autorização de uso do Instrumento Child Sexuality Behavior Inventory (CSBI), versão traduzida e adaptada para o português (Rossetti & Assumpção-Junior, 2014) na pesquisa de mestrado *Comportamento sexual infantil: desenvolvimento e configurações normativas*, que tem como principal objetivo investigar se há um padrão normativo de comportamentos sexuais infantis específicos, independentemente do nível socioeconômico e sua frequência de ocorrência em crianças pré-escolares (2 – 5 anos e 11 meses) sem história e/ou suspeita de abuso sexual, e que não apresentem deficiência intelectual e/ou física e que estejam matriculadas no ensino infantil.

Desta forma requero anuência da Professora Doutora Milena de Oliveira Rossetti.

Agradeço a atenção.

Rafaela.

Em 9 de novembro de 2020, dou minha anuência.



Prof. Doutora Milena de Oliveira Rossetti

¹ Rossetti, M.O.; Assumpção-Junior, F.B. (2014). Inventário de comportamentos sexuais da criança: adaptação brasileira e análise de evidências de validade. Bol. Acad. Paulista de Psicologia. São Paulo, Brasil – v.34, n.86, p.208-231.

ANEXOS

ANEXO A - Critério Brasil

Agora vou fazer algumas perguntas sobre itens do domicílio para efeito de classificação econômica. Todos os itens de eletroeletrônicos que vou citar devem estar funcionando, incluindo os que estão guardados. Caso não estejam funcionando, considere apenas se tiver intenção de consertar ou repor nos próximos seis meses.

ITENS DE CONFORTO	Quantidade que possui				
	NÃO POSSUI	1	2	3	4 ou mais
Quantidade de automóveis de passeio exclusivamente para uso particular					
Quantidade de empregados mensalistas, considerando apenas os que trabalham pelo menos cinco dias por semana					
Quantidade de máquinas de lavar roupa, excluindo tanquinho					
Quantidade de banheiros					
DVD, incluindo qualquer dispositivo que leia DVD e desconsiderando DVD de automóvel					
Quantidade de geladeiras					
Quantidade de freezers independentes ou parte da geladeira duplex					
Quantidade de microcomputadores, considerando computadores de mesa, laptops, notebooks e netbooks e desconsiderando tablets, palms ou smartphones					
Quantidade de lavadora de louças					
Quantidade de fornos de micro-ondas					
Quantidade de motocicletas, desconsiderando as usadas exclusivamente para uso profissional					
Quantidade de máquinas secadoras de roupas, considerando lava e seca					

	A água utilizada neste domicílio é proveniente de?
1	Rede geral de distribuição
2	Poço ou Nascente
3	Outro meio

	Considerando o trecho da rua do seu domicílio, você diria que a rua é?
1	Asfaltada, pavimentada
2	Terra, cascalho

	Qual é o grau de instrução do chefe de família? Considere como chefe de família pessoa que contribui com a maior parte da renda do domicílio.
1	Analfabeto / Fundamental I incompleto
2	Fundamental I completo / Fundamental II incompleto
3	Fundamental completo / Médio incompleto
4	Médio completo / Superior incompleto
5	Superior completo

ANEXO B - Inventário de Comportamentos Sexuais da Criança (CSBI) – versão traduzida e adaptada para o português do Child Sexuality Behavior Inventory – CSBI

Nome da Criança _____ Data: ___/___/___
 Circule um: Menino Menina Idade: ___
 Data de nascimento da criança: ___/___/___
 Nome do responsável: _____
 Grau de parentesco _____

Instruções

Esse formulário apresenta questões sobre o comportamento da criança. Leia cada item, e circule o número que para você corresponde a frequência com que sua criança apresentou o comportamento nos últimos 6 meses.

Circule 0 se sua criança nunca apresenta o comportamento.
 Circule 1 se sua criança apresenta o comportamento menos de uma vez por mês.
 Circule 2 se sua criança apresenta o comportamento de 1 a 3 vezes por mês.
 Circule 3 se sua criança apresenta o comportamento pelo menos uma vez por semana.

Por exemplo, se sua criança se atrasa para a escola cerca de duas vezes por semana, você deveria circular o 2 para esse item.

Se atrasa para a escola. 0 1 2 **3**

Se você se enganar ou quiser mudar de resposta, não apague. Assinale a resposta errada com um “X” e então circule a resposta correta, como no exemplo.

Se atrasa para a escola. 0 ~~1~~ **2** 3

Questões sobre o comportamento de sua criança

Por favor circule o número que diz com que frequência sua criança apresentou os seguintes comportamentos nos últimos 6 meses:

	Nunca	menos de 1x/mês	1 a 3 x/mês	1 x/semana
1. Veste-se como o sexo oposto.	0	1	2	3
2. Fica fisicamente muito próximo das pessoas.	0	1	2	3
3. Conversa sobre querer ser do sexo oposto.	0	1	2	3

4. Toca ou apalpa os genitais quando está em locais públicos.	0	1	2	3
5. Masturba-se com a mão.	0	1	2	3
6. Desenha genitais quando desenha figuras de pessoas.	0	1	2	3
7. Toca ou apalpa ou tenta tocar os seios de sua mãe ou de outras mulheres.	0	1	2	3
8. Masturba-se com brinquedos ou objetos (cobertor, travesseiro, brinquedo de plástico).	0	1	2	3
9. Toca ou apalpa a genitália de outra criança.	0	1	2	3
10. Tenta ter relações sexuais com outra criança ou adulto.	0	1	2	3
11. Coloca a boca em genitais de outra criança ou adulto.	0	1	2	3
12. Toca ou apalpa seus genitais quando está em casa.	0	1	2	3
13. Toca ou apalpa genitais de adultos.	0	1	2	3
14. Toca ou apalpa genitais de animais.	0	1	2	3
15. Faz sons sexuais (suspiro, gemidos, respiração pesada, etc.)	0	1	2	3
16. Solicita que se envolvam em atos sexuais com ele ou ela.	0	1	2	3
17. Esfrega os corpos nas pessoas ou nos móveis.	0	1	2	3
18. Coloca objetos na vagina ou reto.	0	1	2	3
19. Tenta olhar pessoas quando estão nuas ou se despindo.	0	1	2	3
20. Finge que suas bonecas ou animais de pelúcia tem relações sexuais.	0	1	2	3
21. Mostra genitais para adultos.	0	1	2	3
22. Tenta olhar imagens de nudez ou de pessoas parcialmente vestidas.	0	1	2	3
23. Conversa sobre atos sexuais.	0	1	2	3
24. Beija adultos que não conhece bem.	0	1	2	3
25. Fica chateado quando adultos se beijam ou se abraçam.	0	1	2	3
26. É excessivamente amigável com homens que não conhece bem.	0	1	2	3
27. Beija outras crianças que não conhece bem.	0	1	2	3

28. Conversa de forma sedutora.	0	1	2	3
29. Tenta despir outra criança contra sua vontade (abre calças, camisa, etc.).	0	1	2	3
30. Quer assistir TV ou filmes que mostrem nudez ou sexo.	0	1	2	3
31. Quando beija, tenta colocar sua língua na boca da outra pessoa.	0	1	2	3
32. Abraça adultos que não conhece bem.	0	1	2	3
33. Mostra genitais para crianças.	0	1	2	3
34. Tenta despir adultos contra sua vontade (abre calças, camisa, etc.).	0	1	2	3
35. É muito interessado no sexo oposto.	0	1	2	3
36. Coloca sua boca nos seios da mãe ou de outras mulheres.	0	1	2	3
37. Sabe mais sobre sexo do que outras crianças com sua idade.	0	1	2	3
38. Outros comportamentos sexuais (por favor descreva).	0	1	2	3

A. _____

B. _____

ANEXO C – Declaração de infraestrutura



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA



DECLARAÇÃO DE INFRAESTRUTURA

Declaro para os devidos fins que o Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo possui infraestrutura necessária e está apto a desenvolver a pesquisa da aluna de mestrado Rafaela Zago Ottati, intitulada “Comportamento sexual infantil: desenvolvimento e configurações normativas”.

São Paulo, 01 de dezembro de 2020.

Profª Titular Miriam Debieux Rosa
Nº USP 2177912

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE
PSICOLOGIA CLÍNICA

Universidade de São Paulo
Instituto de Psicologia
Departamento de Psicologia Clínica

Av. Prof. Melo Moraes, 1721 - Bloco F
Cidade Universitária - São Paulo